



Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA – Departamento de Artes Visuais

DÉBORA CRISTINE JORGE GARCIA

A ADEQUAÇÃO DO ENSINO DE ARTE PARA SALAS REGULARES
COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I E II

Tatuí

2012

DÉBORA CRISTINE JORGE GARCIA

**A ADEQUAÇÃO DO ENSINO DE ARTE PARA SALAS REGULARES
COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I E II**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Orientador (a): Prof^a M^a Marta Mencarini Guimarães

Co-orientador (a): Prof^a M^a Polyanna Morgana Duarte de Oliveira Rocha.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA – Departamento de Artes Visuais

Débora Cristine Jorge Garcia

**A ADEQUAÇÃO DO ENSINO DE ARTE PARA SALAS REGULARES
COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I E II**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Aprovada em: 10/12//2012

BANCA EXAMINADORA

.....
Orientadora: Prof. Ma. Marta Mencarini Guimarães

.....
Co-orientadora: Prof. Ma. Polyanna Morgana Duarte de Oliveira Rocha

.....
Professor Werner José Lisboa Krapf

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
em memória de minha irmã, que era fascinada por Artes,
e aos meus amigos surdos que me fizeram descobrir
que o mundo é maravilhoso também no silêncio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu pai e minha mãe, que gastaram tempo e recursos materiais, com muita dificuldade para ajudar na minha formação até o nível médio, que só nós sabemos o quanto deu trabalho. Depois, pelo apoio com a minha inserção nas comunidades surdas.

Às minhas orientadoras que pacientemente valorizaram cada dúvida simples como relevante para a concretização do trabalho.

Em especial ao meu marido Luca, que me incentivou até o último instante e a minha pequena filha Ana que teve paciência e aprendeu na prática o sentido da palavra esperar, não só neste momento, mas durante os quatro anos de estudo.

Aos meus amigos das comunidades surdas, por me incentivarem e acreditarem que esse trabalho era possível.

Agradeço a Carol, minha sobrinha e ao Thyago, que tenho certeza ser meu irmão, por me ajudarem a manter o bom humor nos momentos em que de tão cansada, eu não encontrava nem mais as palavras.

Aos meus dois irmãos, Ricardo, pelo incessante incentivo, e Sérgio, por torcer por mim.

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da adequação do ensino de Artes para salas regulares que tenham alunos surdos incluídos no Ensino Fundamental. Com base nas conquistas legais por parte das comunidades surdas esclarece porque são necessárias adaptações curriculares e a importância de trabalhar com atividades abertas, que incluam todos os alunos. Analisa o trabalho docente nas aulas de Artes em salas com alunos surdos incluídos, por aspectos distintos: do professor, dos alunos e dos intérpretes de Libras. Apresenta a sugestão do uso da imagem como recurso poderoso para a aprendizagem, apresentada em diversas formas.

Palavras-chave: Artes, educação, surdos, inclusão, adaptação, imagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
OBJETIVOS.....	12
METODOLOGIA.....	13
1 SURDEZ: VIVENDO ENTRE DOIS MUNDOS.....	14
1.1 O Surdo: singularidades linguísticas e culturais.....	15
1.2 Conquistas legais na área da educação de surdos.....	22
2 A ARTE/EDUCAÇÃO E AS SALAS REGULARES COM ALUNOS SURDOS INCLUÍDOS.....	26
2.1 Análise dos resultados da aplicação da pesquisa de campo.....	30
2.1.1 <i>Professores</i>	30
2.1.2 <i>Alunos</i>	32
2.1.3 <i>Intérpretes de Libras</i>	36
2.1.4 <i>Concluindo as análises</i>	37
2.2 A Imagem como recurso no processo de ensino e aprendizagem: metodologia para o trabalho pedagógico em salas regulares com alunos surdos.....	37
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Classificação dos níveis das perdas auditivas	16
QUADRO 2 Classificação dos tipos de perdas auditivas.....	16
QUADRO 3: Tipos de inteligências e suas relações com artes e aprendizagem....	20
QUADRO 4: Síntese do questionário aplicado aos professores de Artes.....	30
QUADRO 5: Síntese do questionário aplicado aos alunos surdos.....	33
QUADRO 6: Síntese do questionário aplicado aos Intérpretes de Libras.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI: Aparelho de amplificação sonora individual

AEE: Atendimento Educacional Especializado

ASL: American Sign Language (Língua Americana de Sinais)

ASSP: Associação dos Surdos de São Paulo

DA: Deficiente auditivo ou Deficiência auditiva

dBNA: Nível de audição em decibéis

FENEIS: Federação Nacional de Educação e Inclusão dos Surdos

Libras: Língua de sinais brasileira

LS: Língua(s) de Sinais

MEC: Ministério da Educação e Cultura

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI: Referência Curricular Nacional para Educação Infantil

INTRODUÇÃO

Vivemos na era da inclusão, mas a maioria dos profissionais da área de Educação não foi sequer devidamente apresentada a ela. A Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, classifica em seu Artigo 2º como 'barreira' também a qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens. No caso dos surdos não há barreiras físicas, mas específicas da comunicação, do uso de outro idioma que pertence a um grupo linguístico distinto que divide o mesmo espaço com indivíduos utentes da língua portuguesa, neste caso, a Libras (Língua de sinais brasileira).

Em sala de aula, isso tem um significado ainda mais complexo quando o assunto é aluno surdo incluído. Partindo do princípio democrático da educação para todos (MANTOAN, 2004), o desafio é pensar em como atender os alunos de forma igualitária em que as adaptações possam tornar as aulas melhores para todos. Alguns professores percebem a dificuldade de obter bons resultados com os alunos surdos, mas não sabem que caminhos seguir para encontrar a pedagogia mais coerente no processo de ensino e aprendizagem; outros acreditam que apenas se instrumentalizarem com a Libras resolverá essas questões, o que não é verdade. Aprender a Libras em si não garante que a barreira da comunicação seja completamente transposta. É preciso conhecer a pessoa surda, que está hoje engajada em um movimento de busca de seus direitos enquanto cidadãos em todas as áreas, na educacional, por exemplo, apresentando pelas mãos de profissionais surdos uma chamada 'pedagogia surda'(VILHALVA, 2004). Também é necessário entender como se dão os seus processos cognitivos, para então estar no caminho de tal instrumentalização e mais apto a construir e realizar processos de ensino e aprendizagem que tenham êxito. Diretamente ligado a essa questão, há a relevância do intérprete de Libras atuando em parceria com o professor regente e as possibilidades e benefícios que se abrem quando se utiliza essa 'ferramenta' em sala de aula.

Nos estudos sobre a escola inclusiva encontramos a argumentação de que, para que haja uma educação verdadeiramente inclusiva, é necessário que

os sistemas educacionais se especializem em todos os alunos, não só nos que têm deficiência (MANTOAN, 2004). Entretanto, apesar da aparente desarmonia entre tal conceito de escola inclusiva e a palavra 'adequação', no sentido de adaptar as atividades curriculares para atender as necessidades educacionais especiais desses alunos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugerem tais adaptações "para as maneiras peculiares de aprendizagem." (MEC/SEESP/SEB, 1998, p 15). A pesquisa a seguir objetiva buscar e contribuir para o esclarecimento sobre esses caminhos pedagógicos para as aulas de Artes. O estudo de teóricos e de profissionais das áreas do conhecimento da Educação, da Linguística e das Artes foi imprescindível para a obtenção de resultados concatenados ao acesso às situações típicas das salas de aula, onde a prática tem relevância para compreensão dos estudos teóricos. Tendo em vista que há pouco material específico para o trabalho com alunos surdos em aulas de Artes, este trabalho pretende incitar tais pesquisas relacionadas à área do conhecimento das Artes.

A escola é o espaço onde deve se dar o processo de consolidação da identidade do aluno, podendo tornar-se cidadão crítico. O profissional que atua em sala de aula tem a responsabilidade de conduzir os alunos a esse fim, nesse espaço no qual se espera que as leis e decretos sejam respeitados, e a disciplina de Artes apresenta-se como importante alavanca nesse processo.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a forma de comunicação utilizada pelas pessoas surdas, sua importância social e no desenvolvimento da criança surda para que se possa promover uma ação pedagógica no processo de ensino/aprendizagem em Artes que contemple a proposta da educação inclusiva.

São objetivos específicos neste caso:

- Conhecer as comunidades surdas e a história da educação dos surdos.
- Investigar de que forma a linguagem visual se desenvolve na criança surda e tornar clara a forma como ela aprende e desenvolve suas percepções visuais;
- Entender como a experiência afeta o desenvolvimento das percepções visuais na criança surda versus na criança ouvinte;
- Reconhecer e analisar as Leis e Decretos que determinam ações relacionadas diretamente a situações de ensino e aprendizagem e os PCN relativos a adaptações curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais;
- Sugerir práticas pedagógicas que contemplem a diversidade e provoquem estímulos sensoriais de acordo com cada capacidade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para que os objetivos gerais e específicos desta pesquisa sejam alcançados inclui a pesquisa de teóricos e de profissionais de áreas específicas do conhecimento relevantes à proposta de um estudo para a adequação de práticas pedagógicas, a saber: Psicologia, Linguística, Educação e Artes.

Para a completude do presente trabalho, a estratégia se dá por meio do acesso às experiências em sala de aula, obtidas por coleta de dados em forma de entrevistas abertas com as pessoas envolvidas diretamente em tal processo: arte-educadores, alunos surdos e intérpretes de Libras.

Os arte-educadores e os alunos surdos foram entrevistados pessoalmente, no ambiente escolar. No caso dos intérpretes de Libras, as entrevistas foram mistas: algumas foram realizadas pessoalmente e outras via comunicação eletrônica.

Os dados foram analisados de forma qualitativa, para que os entrevistados pudessem expressar de forma natural a realidade que vivem em sala de aula.

Esses dados são de suma importância para a ação pedagógica, pois pesquisas específicas que envolvam surdez e arte/educação são escassas e é necessária a aproximação do educador com a realidade da sala de aula inclusiva em aspectos específicos, como neste caso.

1. SURDEZ: VIVENDO ENTRE DOIS MUNDOS

"A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngües. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo..." Emmanuelle Laborrit

Quando convivemos com surdos, podemos dizer que é como se um novo mundo existisse dentro do mesmo mundo em que os ouvintes vivem. Contudo, sendo os ouvintes a maioria o mundo é concebido por e para tais. A forma visual como os que não têm audição vivem é rica e tem peculiaridades que nos fazem perceber o mundo de forma diferente. É o mundo do silêncio.

Pode ser uma grande aventura andar de carro com um condutor surdo. É possível viajar despreocupadamente, ou prestar atenção e aprender com a forma como o surdo conduz, tendo a habilidade de enxergar diversos acontecimentos simultâneos e ainda conversar em língua de sinais ou saber exatamente o que os demais passageiros no carro conversam. Nas escolas bilíngües (antigas Escolas Especiais) é comum que o professor, mesmo de costas saiba 'quem fez o quê'. Eles sempre brincam que têm olhos nas costas. Cozinhar com surdos também é bastante interessante, acompanhar detalhes como formas e cores que normalmente, nós os que temos o sentido da audição, desprezamos. As piadas surdas têm como temática o relacionamento surdo-ouvinte. Quando viaja, a primeira coisa que um surdo se põe a fazer antes mesmo de se acomodar é procurar saber onde surdos se reúnem, pois querem logo fazer contato com seus pares. Encontram-se regularmente em associações. Há elementos que fazem parte da rotina: alarmes vibratórios, campainha ligada ao circuito de iluminação da casa, e o uso das novas tecnologias: os surdos são grandes consumidores de aparelhos celulares que fazem vídeo-chamada. Nos relacionamentos, há grande quantidade de casamentos endogâmicos: o fato de terem um idioma próprio aproxima suas ideias, acolhe e preserva sua identidade.

O idioma é o diferencial mais importante. A Libras é uma língua viva e autônoma composta por todos os aspectos das línguas orais: fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos. É grande riqueza, pois lhes permite a comunicação de forma livre e espontânea, e os permite adquirir os conhecimentos deste mundo de ouvintes.

1.1 O Surdo: singularidades linguísticas e culturais

Entre nós a maioria está acostumada a enxergar o mundo a partir de um conjunto completo de experiências sensoriais, em maior ou menor grau quanto as suas possibilidades. Alguns têm preservados todos os sentidos reconhecidos cientificamente, responsáveis por nos alertar para uma melhor compreensão do que acontece a nossa volta e com nosso corpo: visão, olfato, tato, paladar e audição. Há ainda outros sentidos estudados pela ciência e considerados por outras correntes de pensamento que podem incluir as sensações de calor, do pensar, da dor por meio de sensores espalhados por cada micrômetro do corpo; reconhecimento do corpo espacialmente e em relação a ele mesmo e do equilíbrio, a partir de fluídos da orelha interna, tais como a endolinfa no labirinto membranoso, e da visão. A partir dessas sensações conhecemos o mundo, interagimos com ele, nos desenvolvemos, vivemos.

No caso das pessoas surdas, há muitas classificações possíveis quanto à essa perda sensorial. É importante que se entenda a condição física, pelo menos em linhas gerais, para compreender como se dão os processos de aprendizagem e, percorrendo esse caminho, chegarmos a uma melhor compreensão do surdo enquanto pessoa com deficiência e enquanto grupo linguístico e cultural.

Denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva. Ou seja, são muitos os níveis de perda auditiva, que consiste na perda maior ou menor da percepção dos sons, existindo assim vários tipos de pessoas com surdez. No processo de ensino e aprendizagem, é importante que o educador conheça o processo do acometimento de surdez em seus alunos, a ação da família frente ao problema, conhecendo assim melhor seu aluno como pessoa, pois dessa forma é mais fácil “oferecer a ele o conhecimento da humanidade” (ALBRES, 2010 p. 51).

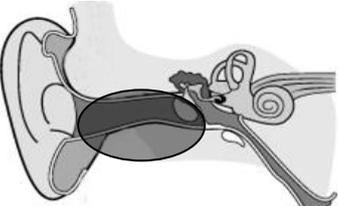
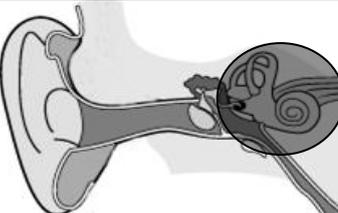
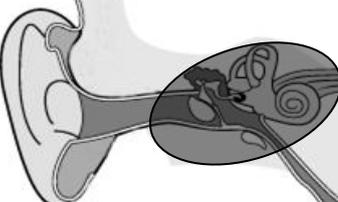
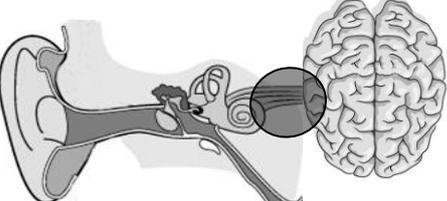
Na classificação das perdas auditivas, medidas em decibéis¹ com base no trabalho de Russo e Santos (1994) temos as denominações, como segue:

¹ A intensidade ou volume dos sons é medida em unidades chamadas decibéis, abreviadas para dB. (Série Atualidades Pedagógicas, Deficiência Auditiva - SEED/MEC-1997)

Classificação	Média da diminuição da audição	Denominação MEC/ RCNEI (2002)
Normal	0 – 25 dBNA	Ouvinte
Perda leve	26 – 40 dBNA	Deficiente auditivo ou surdo parcial
Perda moderada	41 – 70 dBNA	
Perda severa	71 – 90 dBNA	Surdo

Quadro 1: Classificação das perdas auditivas em decibéis e denominação para cada nível de perda (ALBRES, 2010)

Essas perdas ocorrem quando há algum problema em alguma das partes da orelha², sendo:

	Perda Condutiva: problema no ouvido externo ou médio que impeça que o som seja conduzido de forma adequada.
	Perda Sensorineural: falta ou dano de células sensoriais na cóclea, geralmente é permanente. Pode ser de grau leve, moderada, severa ou profunda.
	Perda Mista: combina a perda auditiva sensorineural e condutiva.
	Perda Central ou Neural: ausência ou dano ao nervo auditivo pode causar uma perda auditiva neural. A perda auditiva neural é geralmente profunda e permanente.

Quadro 2: Tipos de perda auditiva

² O termo 'ouvido' foi alterado para 'orelha'. A Sociedade Brasileira de Anatomia informa que "o órgão da audição, segundo a Terminologia Anatômica atual é chamado de Orelha. Não se utiliza mais o termo "ouvido", pois confunde-se com o verbo "ouvir".(O Anatomista, Ano 3 Vol.2, 2012)

Tais especificações se dão no campo fisiológico. Em um processo de ensino e aprendizagem. Existem questões voltadas a surdez que devem ser consideradas, como a causa da surdez ou o momento do desenvolvimento no qual esse aluno ficou surdo. As causas podem ser pré, pós ou peri-natais. Cada uma das causas relacionadas a cada um dos tipos de perdas tem suas especificidades, e é interessante que o professor, mesmo que não especialista, tenha condições de relacionar essas questões e estar apto a formular hipóteses quanto a elas. Por exemplo, uma criança com perda auditiva severa pode ter ficado surda no período pós-lingual, quando já sabia ler e escrever, mas que neste momento de seu desenvolvimento, apresenta-se privilegiada a questão visual. Podem-se apresentar casos em que um aluno também tenha perda severa pré-lingual, ou seja, no momento do desenvolvimento anterior ao apoderar-se da fala. As experiências individuais, o meio em que vivem, como a família encara a deficiência e também as decisões que a família tomou quanto ao tipo de tratamento definirão aspectos importantes da identidade desse indivíduo.

Nessa linha de pensamento, podemos começar a entender o porquê de ainda constarem dificuldades com a nomenclatura na área da surdez. De acordo com o Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, é necessário diferenciar surdo de deficiente auditivo. Neste ponto, apresenta-se a diferença entre a patologia (aspectos fisiológicos) e o indivíduo, enquanto parte de um grupo social. Segundo as disposições preliminares do Decreto:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Segundo a terminologia adotada pelo especialista em inclusão Romeu Kazumi Sasaki (2004), enquanto o termo “deficiência auditiva” pode ser usado mais seguramente referindo-se a pessoas com perda parcial da audição, o termo “surdo” é preferido pelos que tem perda total de audição. Mesmo assim, pela pesquisa realizada, podemos identificar que há pessoas com deficiência auditiva que preferem

ser chamadas de surdas, e pessoas surdas que preferem ser chamadas de deficientes auditivos.

Nesse contexto foram fomentadas pesquisas principalmente a partir da década de 1990 sobre as questões educacionais relacionadas aos surdos. Novas linhas de pensamento começaram a privilegiar a 'voz' da pessoa surda, ou seja, a opinião do surdo em relação à sua própria educação. Desta forma foi necessário que se enfrentasse inúmeros desafios para a formação de pessoas surdas que atualmente são ícones em suas respectivas áreas do conhecimento. Nomes como Marianne Rossi Stumpf, Doutora em Informática na Educação (UFRGS), Karin Lilian Strobel, Doutora em Educação (UFSC), Sylvia Lia Grespan Neves, Mestre em Educação (Unimep), Sueli Ramalho Segala, atriz, professora, escritora, Rimar Ramalho Segala, ator, professor de Matemática e Mestre em Estudos de Tradução (USP) e Ana Regina e Souza Campelli, Doutora em Educação (UFSC), para citar apenas alguns. Estes pesquisadores e professores participam ativamente de movimentos que tem por objetivo a melhora da vida dos surdos na sociedade, por meio de conquistas principalmente na Educação.

Essas lutas só foram possíveis devido ao espaço conquistado pelos próprios surdos, inclusive assumindo a postura de grupo social, de comunidade surda e de uma cultura surda. Os surdos têm uma língua própria, um idioma que lhes dá esse *status* de grupo linguístico e, portanto, que carrega consigo diferenças e especificidades em todos os aspectos da vida, inclusive e de forma importante na Educação. O Surdo quer ser compreendido não pela sua patologia, mas pelo indivíduo que se constitui, pelos direitos e deveres como qualquer outro cidadão brasileiro.

Estudos sobre uma Pedagogia Surda propostos por mestres e doutores surdos, (PERLIN & STROBEL, 2006; VILHALVA, 2004), explicam porque a criança surda precisa ser entendida a partir de um desenvolvimento diferente quando o assunto é o processo de ensino e aprendizagem. Dentre todas as deficiências, a única em que o indivíduo se desenvolve em outro idioma dentro de seu próprio país, seja ele qual for, é a surdez. E esse idioma, quanto é aceito, num primeiro momento pela família, causa grandes transformações na vida do surdo, que está na escola aprendendo e na vida do professor que tem sob sua responsabilidade provocar o conhecimento, fazer seus alunos vivenciarem as experiências que os farão encontrar sua identidade.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é uma língua visual. Toda a comunicação se dá de forma visuo-espacial, ou seja, exatamente como a pessoa surda enxerga o mundo a sua volta. Suas mãos produzem a ‘fala’ e por seus olhos a pessoa surda ‘escuta’. As línguas de sinais (LS) utilizam o espaço e articuladores visuais como: os movimentos, as expressões, as mãos e o corpo. “É uma língua usada entre os surdos, a partir do momento em que acontece o encontro surdo-surdo.” (QUADROS) ³. A língua de promove a comunicação e interação, possibilitando ao surdo aprender tudo a sua volta. Sua comunicação não está de forma alguma comprometida, nem que houvesse comprometimento visual, como no caso dos surdocegos.

Um conceito controverso está na ideia de que a pessoa surda apresenta uma ‘incapacidade linguística’, pontuada por Caquette (*apud*, GOES, 2002) como déficit cognitivo, acesso lento e incompleto ao pensamento abstrato, não apresentando domínio consistente da linguagem, falta e redução na estruturação simbólica, flexibilidade e mobilidade de seu pensamento. Segundo Goes (2002, p.25, 26) a ideia de que os surdos possuíssem uma capacidade linguística limitada provocaria apenas o “pensamento concreto, elaboração conceitual rudimentar, baixa sociabilidade, rigidez, imaturidade emocional, etc.”

Num caminho diverso a questão se concentra não na capacidade linguística, mas restrição de experiências de linguagem independentemente da linguagem ser a responsável pela organização do pensamento, e ainda de o pensamento pode se construir de forma independente e que a linguagem é subordinada a este.

Para o teórico mais amplamente citado quando o assunto é desenvolvimento da linguagem e do pensamento, Vigotsky (2001⁴), este afirma que linguagem e o pensamento estão relacionados, afirmando que se uma palavra não tem significado, é um som vazio, estando o significado relacionado a pensamento, um critério da palavra e componente indispensável desta.

³Extraído do endereço eletrônico mantido pela autora <http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br>, não datado. A Linguísta Ronice Muller Quadros é hoje uma das maiores referências em estudos na área da surdez.

⁴ Disponível em edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook acessado via HTTP. URL: www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html#ind10 em novembro de 2012.

As crianças surdas alcançam os estágios de desenvolvimento de forma normal quando sua singularidade linguística é respeitada, bem como quando sua cultura é conhecida e valorizada. Um grupo de minoria linguística, que tem, além de seu idioma, seus hábitos bem definidos, como a necessidade de estar com seus pares, a sua história sendo reconhecida, encaixando-se na linha do tempo da história da humanidade e se organizando para lutar por seus direitos tem nesse movimento inevitavelmente reconhecido como cultura.

Marilena Chauí (2008) nos lembra da origem da palavra, vinda do latim *colere*, ou cultivo, cuidado. Cultura assim pode-se explicar como sendo “uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém” (CHAUÍ, 2008 p. 55). É necessário que se centre não no que falta no indivíduo, neste caso a audição, mas em todas as outras possibilidades sensoriais, cognitivas e motoras. Quando o trabalho pedagógico só se concentra na patologia, despreza o processo de desenvolvimento possível da criança.

Nesse sentido, a abordagem cognitiva de Howard Gardner (1985) em relação às inteligências múltiplas apresenta-se de suma pertinência para o estudo do educador. Podemos por assim dizer descobrir, a partir dos conhecimentos do histórico do aluno, entre eles a causa da perda, o tipo de perda e o nível de audição, quais as suas ‘inteligências’, e nos concentrando nas suas potencialidades, estar aptos assim a construir um processo pedagógico eficiente.

Para Gardner (1985), são oito as inteligências, e cada uma delas contempla habilidades diferentes, conforme o quadro:

Tipo de Inteligência	Descrição	Possíveis Relações com as Artes	Tarefas relacionadas	Estilo de aprendizagem
Linguística	sons, significados, estruturas, língua, palavras, interpretação e explicação de ideias	escritores, poetas, artistas de voz	listar, escrever, falar, comentar, aplicar,	verbal
Lógico Matemática	padrões, números, causas e efeitos, raciocínio objetivo e quantitativo, razão, lógica	pesquisadores	calcular, criar processos, analisar, inventar estratégias, avaliar	número e lógica

cont.

cont.

Espacial	cores, formas, quebra-cabeças visuais, simetrias, linhas, imagens interpretação e criação de imagens visuais; imaginação pictorial e expressão; entende a relação entre imagens e significações, e entre espaço e efeito	artistas, desenhistas, caricaturistas, story-boarders, arquitetos, fotógrafos, escultores, inventores,	projetar, interpretar criar , imaginar	quadros, formas, imagens, espaço em 3D
Cinestésica	tato, movimento, corpo, destreza	atores, artistas performáticos, artífices, dançar	demonstrar, criar, lançar, soltar, avaliar, ensinar	experiência física e movimento, toque e sensação
Musical	tom, ritmo, melodia, timbre, som	músicos, cantores, compositores, afinadores de piano	cantar, executar peças, tocar um instrumento	música, ritmo, sons
Interpessoal	linguagem corporal, humor, voz, sentimentos, empatia	educador, professor, instrutor, organizador	interpretar, demonstrar, aconselhar	contato humano, comunicações, cooperação, trabalho de equipe
Intrapessoal	forças e fraquezas pessoais, objetivos, desejos, consciência de si	aconselhamento	tomar decisões, fazer considerações,	auto-reflexão e auto-descoberta
Naturalista	objetos naturais, plantas, animais, padrões naturais, questões ecológicas	paisagista, designer, florista.	criar, organizar, projetar	ar-livre, contato com natureza

Quadro 3: Tipos de inteligências e suas relações com artes e aprendizagem

Com base na teoria de Gardner (1985) e estabelecendo conexões entre os tipos de inteligência e suas possíveis relações com a arte e educação, pode-se definir estratégias que propiciem também ao aluno surdo utilizar todo seu potencial na realização das tarefas. Os professores devem atentar-se a preparar tarefas em que os alunos trabalhem as inteligências: espacial, cinestésica e interpessoal. Essas podem envolver atividades individuais ou em grupo como as que incluem jogos, teatro, desenho, organização espacial, trabalhos manuais, imaginação, tecnologia.

É importante ter em mente que o processo de ensino e aprendizagem envolvido na inclusão deve ser bom para todos os alunos. Este fator com certeza

demandará por parte do educador estudo e pesquisa em busca de um projeto pedagógico que busque atender as diferenças apresentadas pelos educandos. Essa pesquisa deve incluir aspectos legais, que vêm em auxílio dos educadores à trabalharem com liberdade e segurança.

1.2 Conquistas legais na área da educação de surdos

“(...) Temos direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. As pessoas querem ser iguais, mas querem respeitadas suas diferenças. Ou seja, querem participar, mas querem também que suas diferenças sejam reconhecidas e respeitadas. (...)” Boaventura de Souza Santos

O engajamento das comunidades surdas⁵ em busca de seus direitos teve início com questões sociais, mas os problemas educacionais mostraram o caminho que deveriam de fato percorrer. Os surdos se deram conta do que precisavam e quiseram se libertar, por assim dizer, do que lhes fora imposto pelos ouvintes. Muito já se conseguiu quanto a direitos em diversas áreas, mas a que tem colhido resultados mais significativos até agora é a Educação.

Faz-se necessário um breve passeio pela história da educação dos surdos para a construção de uma reflexão e de dar continuidade aos questionamentos que permeiam o mundo da inclusão que envolve os alunos surdos. O olhar ouvinte sobre a pessoa surda que ocorreu em cada tempo e o despertar desses indivíduos para que olhassem a si mesmos e lograssem autonomia, fazem parte da história da educação dos surdos.

Essa história divide-se em três grandes fases conforme a pesquisa de Karin Lilian Strobel (2009). A primeira delas, denominada Revelação Cultural, foi um tempo em que os surdos não viviam grandes complicações relacionadas à educação. Esse período foi marcado pela presença de surdos que exerciam importantes papéis na sociedade como Francisco de Goya(1746-1828) na pintura, Ludwig Von Beethoven (1770-1827) na música e Fernando Berthier (1803 – 1886) na Educação. Este momento configura-se anterior ao ano de 1880, no qual ocorre o

⁵ O termo ‘comunidades surdas’ inclui “familiares, intérpretes, amigos e outros que compartilham os mesmos interesses em comuns (*sic*)” (STROBEL, 2009 p.4).

Congresso de Milão. A partir de então, um segundo período, pontuado por Strobel (2009) como Isolamento Cultural, momento no qual os surdos são proibidos de ter acesso e de usar a língua de sinais na educação, e foi-lhes imposta a língua oral. O tema foi “Congresso Internacional de Surdo-Mudez”, mas no momento da votação sobre o método que deveria ser utilizado na educação dos surdos, os professores surdos presentes foram vetados de votar e excluídos. Um terceiro momento aconteceu a partir da década de 60, quando o linguísta Willian Stokoe (1965) publicou uma extensa e detalhada pesquisa afirmando que a língua de sinais americana – ASL, tinha todas as características de um idioma falado. A publicação de Stokoe inaugura uma nova era para a comunidade surda. Podemos destacar que na década de 60 a educação dos surdos não era de qualidade configurando-se inferior à educação dos ouvintes. Essa fase, pontuada por Strobel (2009) como Despertar Cultural, trouxe um renascimento das línguas de sinais e da cultura surda, e a reconquista da liberdade da opressão ouvintista.

Essa importante fase se apossou de uma força que crescia a cada dia. Nos anos de 1990 seguiram-se grandes acontecimentos. Na “Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais”, promovida e organizada pela ONU de 7 a 10 de junho de 1994, na cidade de Salamanca na Espanha, foi redigido um documento, a “Declaração de Salamanca”, que trata de princípios, políticas e práticas da educação especial. Pode-se dizer que foi um marco para as comunidades surdas que se sentiram ainda mais seguras e respaldadas para lutar pelos seus direitos, podendo-se pontuar:

1. Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino [...]

2. [...] aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma **Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades** [...]. (grifo nosso)

ESTRUTURA DE AÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

7. [...] Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos **através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades.**(grifo nosso)

II. LINHAS DE AÇÃO EM NÍVEL NACIONAL A. POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO

19. Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. **Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares.** (grifo nosso)

A partir da Declaração de Salamanca a educação inclusiva tem se consolidado sob um novo olhar, e a necessidade da adaptação no fazer pedagógico, apesar das resistências. Entre as muitas leis, decretos, portarias e resoluções que já atendem parte das necessidades de pessoas com deficiência desde então, estão destacados três documentos que se entrelaçam e buscam preservar os direitos dos surdos, principalmente aos que estão nas salas de aula. A Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000 estabelece normas para promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência. No caso dos surdos, essa acessibilidade acontece na comunicação. Essa particularidade foi incluída no texto, como segue:

CAPÍTULO VII

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece a Libras – Língua brasileira de sinais como meio legal de comunicação. Em relação à Educação:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Regulamentando ambas as leis citadas, o Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005 detalha os usos da Língua Brasileira de Sinais, determina como deve funcionar a acessibilidade, e dispõe de regras e da forma como deve acontecer a capacitação de profissionais da área. Entre os trechos mais relevantes, pode-se destacar:

CAPÍTULO II

A INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior [...];

CAPÍTULO VI

DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

Em conformidade com o Decreto, as escolas da rede pública já mantêm em seus quadros de funcionários intérpretes educacionais. No Estado de São Paulo tais profissionais são contratados na função de Professores Interlocutores de Libras. O CNE, na Resolução 02/2001 pontua que o atendimento deve começar na educação infantil, e deve incluir a atuação de professores intérpretes. Porém, para o processo de ensino aprendizagem eficiente, a ação dos intérpretes educacionais, não é suficiente. Atualmente, a luta se concentra pelo direito de uma escola bilíngüe para surdos, baseados na Lei, na Declaração de Salamanca e ancorados em experiências pessoais e em pesquisas na área. Afirmam Lacerda e Lodi (sem data , p.1⁶)

[...] Entendemos, assim, que apenas por meio da educação bilíngüe os surdos terão possibilidade de uma educação que os respeite em sua particularidade/especificidade lingüística (*sic*) e, portanto, a única que permitirá um agir social de forma autônoma a partir de uma formação digna e de respeito à sua diversidade. [...]

No Brasil ainda há poucas escolas bilíngües, pois estão em processo de aceitação e implementação. Um trabalho pioneiro tem sido realizado pela Escola para Crianças Surdas Rio Branco - ECS, com sede na cidade de Cotia, SP, considerada modelo em educação bilíngüe. O processo educacional tem início no

⁶ O artigo *A Difícil tarefa de promover uma inclusão escolar para alunos surdos*, (LACERDA; LODI) foi acessado no endereço eletrônico <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt15-2962--int.pdf> no dia 14 de novembro de 2012, sem data de publicação.

Programa de Estimulação ao Desenvolvimento, atendendo crianças de 0 a 3 anos, com profissionais surdos viabilizando o contato da criança com a Libras e com a Educação Infantil para crianças de 3 a 5 anos. O ensino Fundamental I é oferecido completamente em Libras e no Ensino Fundamental II os alunos são incluídos em salas regulares, com intérpretes de Libras.

2. A Arte/Educação e as salas regulares com alunos surdos incluídos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), afirmam que no ensino fundamental o aluno deve se tornar capaz de se posicionar de maneira crítica na sociedade, perceber-se integrante do ambiente em que vive, desenvolver conhecimento ajustado de si mesmo em todos os aspectos pessoais e interpessoais e assim exercer sua cidadania. Deve poder comunicar suas ideias utilizando diferentes linguagens e ter a capacidade de questionar a realidade e buscar, por meio do raciocínio lógico, da análise crítica, da intuição e da criatividade a resposta a tais questões.

A história do ensino da Arte mostra que não se sabia como trabalhar linguagens artísticas como fontes de conhecimento. Eram consideradas atividades de diversão ou recreação. Aos poucos, a partir de diversos movimentos de organização de professores de Arte, chegou-se a conclusão de que a arte era importante na formação do indivíduo.

Segundo o PCN, no Brasil, há ainda grandes diferenças nas práticas do ensino de Arte, e em muitas instituições escolares ainda se insiste apenas na apreciação e reprodução de obras artísticas, sem a introdução de novos “saberes da arte” (PCN, 1998, p. 29). Se pensarmos então, em um aluno surdo incluído, seu universo poderá ser ainda mais empobrecido, não alcançando nenhum dos objetivos listados nos PCN. Em arte/educação é fundamental que os educadores exerçam a experiência prático/teórica. Como esta experiência já apresenta dificuldades em ser exercida em salas de aula regulares, a exigência de especialização destes profissionais em relação às particularidades que envolvem a aprendizagem de alunos surdos, dificulta-se de forma ainda maior.

Neste sentido, os PCN tratam das características do fenômeno artístico. Quando trata da percepção como “condição para a compreensão estética e artística”

(PCN, 1998, p. 33), esclarece que o indivíduo, tanto o artista como o espectador, trabalha questões internas como raciocínio, intuição e imaginação. Isso proporciona a compreensão estética e artística. Neste ponto, muitas questões devem surgir quando em salas de aula regulares há alunos surdos incluídos e são essas questões que devem provocar uma ação pedagógica. Como ocorre esse processo na criança ouvinte e na criança surda? Como identificar durante sua apreciação e na sua produção esse seu conhecimento apreendido?

As crianças ouvintes têm facilidade para expor suas ideias por meio da linguagem oral, tanto o que entendeu quanto o que ficou perdido. Quanto mais se provoca por meio de experiências e de se questionar quais as possibilidades de resultados diferentes baseados em hipóteses, mais se consegue resultados positivos quando se precisa acessar esse campo criador, e quanto mais a criança domina esse espaço dentro de si, espaço cheio de formas, cores, gestos, palavras e sons, mais a “arte realiza sua força comunicativa” (PCN, 1998, p.34). Podemos afirmar que crianças ouvintes e surdas usam a imaginação, espaço singular e próprio de encontro de significação pessoal, onde se conceituam, se moldam, e se representam objetos, cores, formas, sons, com uma única diferença: a experiência de exposição com base no nível de desenvolvimento linguístico particular. No caso das crianças ouvintes, que se desenvolveram linguisticamente num mundo feito por e para ouvintes, viver as experiências provoca mais estímulos no desenvolvimento do que nas crianças surdas que se desenvolvem a partir do *input* visual e não recebem os estímulos corretos, limitando o desenvolvimento da criança à percepção concreta, por não compreenderem o que foi proposto, não saberem o que deve ser feito e na maioria das vezes apenas copiar o que os outros estão fazendo. Há um déficit no desenvolvimento linguístico que por sua vez prejudica o desenvolvimento cognitivo. Quando a criança surda é exposta a experiências e as processa gradualmente, adquire habilidades, valores, conhecimentos e uma identidade. Para que se desenvolva de forma completa, a aquisição da linguagem deve acontecer, pois por meio dela é possível acessar o abstrato, o mundo simbólico.

Para o linguísta americano Noam Chomsky (1959, *apud* LORANDI; CRUZ; SCHERER, 2011) os humanos tem a faculdade da linguagem como inata, hereditária e inerente. Os indivíduos são capazes de produzir sons, palavras ou sentenças de forma natural, mas que irá desenvolver-se linguisticamente de houver *input* linguístico. Ao mesmo tempo, Chomsky (2000, *apud* ANATER, 2009) afirma

que tal faculdade da linguagem não depende de certas modalidades sensoriais e que assim sendo, a aquisição de línguas faladas ou de línguas sinalizadas acontecem da mesma forma, dependendo de como se deu o input.

Por isso, as aulas de Artes para salas regulares com alunos ouvintes e surdos devem ser pensadas com um novo olhar para as diferenças. Por exemplo, ROSSI (2011, org. PILLAR, p. 19) trata dos diferentes estágios de compreensão estética (*apud* HOUSEN, 1983) num importante estudo sobre atividades de leitura de imagens no ensino da arte. No primeiro de cinco estágios, chamado de descritivo, a pessoa faz relações simplistas, a partir do tema da obra, numa leitura egocêntrica, relacionando o que vê às próprias experiências, de forma bastante concreta. Num segundo estágio, chamado de construtivo, a análise acontece de forma a associar experiências pessoais com as percebidas no mundo exterior para tentar saber o que a obra significa, a partir de alguns valores, padrões, habilidades e competências anteriormente adquiridas. Neste momento de processo de ensino e aprendizagem dependendo de uma estrutura com base inicial no desenvolvimento linguístico responsável pela organização do pensamento, o aluno surdo começa a ser prejudicado, pois talvez não tenha ainda, por deficiência na comunicação, uma percepção de mundo que lhe dê subsídios para tal leitura. O quarto estágio, chamado interpretativo está subordinado ao conhecimento e apropriação de sensações que permitam associações que incluem o pensamento coletivo. Este estágio da compreensão estética promove-se pelo acesso à percepção abstrata, ou seja, a compreensão na qual o indivíduo percebe-se a si e o outro, envolvendo questões de identidade. Após todas as fases pode-se dizer que o leitor chega a um conhecimento estético. É sabido que nem todas as pessoas, surdas ou ouvintes, poderão alcançar esse estágio, mas é certo que os surdos estão mais prejudicados se não forem orientados com equidade em relação aos ouvintes, e neste caso, o canal de comunicação deve ser o visual. Sendo assim, o processo de aprendizagem de uma criança surda deve partir de questões essencialmente visuais. Elas têm o direito de acessar as aulas em LIBRAS. Quadros e Karnoop (2001) afirmam que “o processo educacional ocorre mediante a interação linguística [...]. Todos os conhecimentos escolares devem passar pela LIBRAS.”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram elaborados com um módulo que é desconhecido por muitos educadores: Adaptações curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais

(MEC, 1998) que se aplicam a todas as disciplinas, e que são importantes para o desdobramento das aulas de Artes. O documento, com base no reconhecimento da diversidade, “admite decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de os alunos aprenderam [...]” (PCN, 1998, p.15). Tratando da educação para todos, não deve haver distinção de condições linguísticas e sensoriais e requer planejamento e organização para atender tais necessidades especiais. Sendo assim, para que se traga o documento à dimensão da práxis, é necessário que o professor se especialize. A necessidade de especialização na profissão educacional tende a provocar um desconforto, pois muitos educadores acreditam que a probabilidade de atenderem um aluno com necessidades educacionais especiais, neste caso a surdez, é muito pequena. Porém, não havendo o confronto com tal real possibilidade bem como a projeção de que tal situação pode ocorrer independentemente de uma escolha pessoal por parte do educador, não haverá validação do processo de inclusão.

Quanto às adaptações curriculares, são necessárias para tornar o currículo apropriado às diferenças. Devem estar incluídos aspectos como: o quê, como e quando aprender, e as formas de organização mais eficientes para promover a aprendizagem. (PCN, 1998). Nas adaptações de acesso ao currículo, algumas medidas que constituem tais adaptações seguem listadas, selecionadas especificamente para o caso dos alunos surdos (PCN, 1998, p. 44):

- Propiciar os melhores níveis de comunicação e interação com as pessoas com as quais convive na comunidade escolar;
- Adotar sistemas de comunicação alternativos para os alunos impedidos de comunicação oral [...];
- Adaptar materiais de uso comum em sala de aula;

Na sequência, como apoio a tais adaptações, as sugestões:

- Agrupar os alunos de uma maneira que facilite a realização das atividades [...] e incentivo à comunicação e as relações interpessoais;
- Proporcionar ambientes com adequada luminosidade, sonoridade e movimentação;
- Adaptar materiais escritos de uso comum [...];
- Adaptação de instrumentos de avaliação e de ensino-aprendizagem;
- Favorecer o processo comunicativo professor-aluno, aluno-aluno [...];
- Providenciar *softwares* educativos específicos;

Os itens supracitados buscam uma melhoria na qualidade do ensino. Pode-se complementá-los com sugestões como: imagens adicionadas a textos, língua de sinais, sistema alternativo de comunicação, sala para treinamento rítmico, material

visual de apoio que favoreça a apreensão das informações. Cabe aos educadores desenvolverem projetos pedagógicos que contemplem aulas abertas, ou seja, aulas que todos os alunos aproveitem de forma equitativa e que assim os educadores obtenham os melhores resultados, levando em consideração a realidade social, econômica e cultural de onde atuam.

2.1 Ensino e Aprendizagem – Professores, estudantes e Intérpretes de Libras: Entrevistas

Apesar dos PCN tornarem clara a responsabilidade do educador assumir o papel de desenvolver suas metodologias mediante as adaptações, muitos professores se apóiam na presença do Intérprete Educacional, e delegam à esse profissional, que deve possuir especialização em Libras, porém, sua formação acadêmica pode ter se dado em qualquer das áreas do conhecimento, sendo ou não a de Artes, a tarefa de ensinar o aluno e de fazer as adaptações, apresentando-se este fato um grande equívoco. Pela pesquisa realizada, foi desenvolvido um estudo de campo e coleta de dados, por meio de um questionário aberto no qual se pretende identificar as dificuldades encontradas pelos educadores, alunos surdos e intérpretes durante as aulas de Artes, e também as experiências positivas e expectativas quanto ao processo de ensino e aprendizagem. Os nomes dos entrevistados não são revelados, constando apenas as respectivas iniciais.

2.1.1 Professores

Foram entrevistadas três professoras de Artes da Escola Estadual Chico Pereira, na cidade de Tatuí - SP, cerca de 150 km da capital. As professoras atuam em salas com intérpretes de Libras. Os questionários na íntegra, compostos de perguntas abertas, se encontram nos anexos.

	Professoras		
Síntese das questões	A.P.F.	S.C.A.	A.C.C.
Tem alunos surdos incluídos	sim	sim	sim

cont.

cont.

Procura se comunicar com o aluno	sim	sim	sim
Há Intérpretes de Libras	sim	sim	sim
Tem contato externo com a comunidade surda	não	não	não
Já recebeu orientação técnica específica	sim	não	não
Percebe diferença na aprendizagem do aluno	sim	sim	sim
Prepara as aulas pensando nos alunos surdos incluídos	sim	sim	sim
Faz adaptações	sim	sim	sim
Encontra dificuldades no trabalho	sim	não	sim
Entende a necessidade da presença do Interpretador de Libras	sim	sim	sim
Adianta o conteúdo das aulas para o intérprete de Libras	sim	sim	sim
A escola possui Projeto Político e Pedagógico que propõe ações de inclusão	não	não	acredita que sim
Já fez adaptações curriculares	sim	sim	sim
Existe um relacionamento entre todos os alunos	sim	sim	sim
Existe um relacionamento entre professor-aluno	sim	sim	sim

Quadro 4 Síntese do questionário aplicado a professores de Artes

Observou-se que as três professoras afirmam manter uma comunicação mínima com seus alunos, sendo que duas demonstram mais interesse em outras formas de comunicação direta com o aluno, que não por meio do intérprete de Libras. Apesar de nenhuma das professoras terem contato com comunidades surdas fora do ambiente escolar, entendem por experiência e observação em sala de aula a necessidade de fazer adaptações mínimas que ajudem no processo de aprendizagem do aluno surdo incluído, pois para todas as professoras, seus

respectivos alunos demonstram interesse além do esperado nas aulas de artes. Os resultados positivos expressados podem ter relação direta com a comunicação antecipada entre professor e intérprete de Libras, que afirmam ocorrer nos três casos.

Quando questionadas sobre situações diferenciadas pelas quais tivessem passado, todas apresentaram experiências. A Professora A.P.F. afirma que há dificuldades com questões relacionadas à linguagem musical que podem expor o aluno de forma constrangedora. Para a Professora Sonia, foi uma experiência positiva trabalhar com cinema mudo, pois percebeu que o aluno se identificou com o filme. A Professora A.C.C. teve ótima experiência com uma aula sobre tridimensionalidade e apresentações do tema.

É importante salientar que a Professora A.P.F. desenvolveu um olhar diferenciado sobre o aluno, mostrando preocupações que vão além das questões de aprendizagem, mas que estão diretamente ligadas a ela, como o cuidado em não provocar o constrangimento do aluno frente a situações onde sua participação é limitada. É a única das professoras que teve contato com algum tipo de capacitação, neste caso um Curso de Libras e Orientações sobre Educação Especial e com certeza tais capacitações levaram à sensibilização pela compreensão do indivíduo e de suas capacidades. Ela também se preocupa em utilizar material diferenciado nas aulas, que privilegiem a visão, como pranchas e exposições.

2.1.2 Alunos

Os alunos entrevistados são da mesma unidade escolar que as três professoras entrevistadas, portanto, alguns deles são seus alunos. É importante justificar que, apesar de apenas um dos alunos frequentar o Ensino Fundamental II e os demais serem alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, suas experiências e opiniões são de grande valia, pois eles vivenciaram de diferentes formas o acesso à educação ao longo da infância e ainda vivem o processo de ensino e aprendizagem, tendo assim condições de analisar o passado em comparação com o presente, e serem assertivos ao expressar suas aspirações quanto à educação dos surdos.

Síntese das questões	Alunos			
	J.P.S (3º EJA)	L.A.A. (7º Ano EF II)	R.C.B. (7ª série EJA)	S.R.R.B. (6ª série EJA)
Há Intérprete de Libras	não	sim	sim	sim
Comunica-se sozinho com o professor	sim	sim	não	não
Comunica-se por meio do Intérprete	não	sim	sim	sim
Aprecia as aulas de Artes	pouco	mais ou menos	não	sim
Entende as atividades propostas	pouco	sim	sim	sim
Utiliza recursos diversificados nas aulas	não	não	não	não
Gostaria que as aulas de Artes fossem diferentes	sim	sim	indiferente	sim
Comunica-se sozinho com os colegas	pouco	sim	sim	pouco
Depende da ajuda do intérprete para comunicação com colegas	não	não	não	sim
Recorda-se de alguma atividade de Artes que causou impacto positivo	não	sim	não	não

Tabela 5 Síntese das respostas ao questionário aplicado a alunos surdos

A aluna J.P.S. passou por treinamento de oralização na infância e adolescência, e faz leitura labial. É usuária de Libras, mas atualmente não tem o acompanhamento de um intérprete de Libras em sala de aula e suas maiores dificuldades são em entender as propostas nas aulas de Artes. Apesar de entender um pouco o que lê, disse que escreve muito nas aulas de Artes e gostaria de ter um intérprete de Libras. Recordou de uma professora de Artes da qual gostava das aulas numa outra série na mesma escola conforme trecho da entrevista⁷:

⁷ As entrevistas dirigidas aos alunos surdos foram feitas em Libras, e as respostas com verbos no infinitivo e marcações manuais de tempo e espaço foram transcritas para o Português na ordem gramatical da Libras. Abaixo das respostas, a tradução da Libras (visual) para o Português escrito.

- Entrevistador: Pensando em outras escolas em que você tenha estudado, as aulas eram iguais? O que era diferente?
- Entrevistado: *Estudar 4 escolas. Aqui aula melhor professora Ana Cláudia. Ela passado antes explicar jeito certo fazer desenhos.
(Eu estudei em quatro escolas diferentes. Nesta aqui as aulas foram melhores com a Professora Ana Claudia. Nas aulas que eu tive com ela, ela explicava o jeito certo de fazer os desenhos)*

Neste caso, a aluna destaca que a professora explicava o jeito certo para realização das tarefas, o que indica interesse por parte da professora em que os alunos entendam as propostas, item importante quando recordamos das sugestões descritas no PCN de adaptações curriculares, entre eles “propiciar os melhores níveis de comunicação [...]” (PCN, Adaptações Curriculares, p. 44)

Os outros três alunos, L.A.A., R.C.B. e S.R.R.B. têm um intérprete de Libras na sala de aula, sendo que R.C.B. e S.R.R.B. se mostraram mais dependentes dos intérpretes em todos os casos: na comunicação com o professor, com os colegas e no acesso às atividades. A aluna L.A.A. demonstra mais autonomia no relacionamento interpessoal e se relaciona muito bem com os colegas de todas as formas possíveis. Nas aulas de Artes, reclama por não terem professor fixo. Relatou que numa série anterior gostou muito de uma aula onde aprendeu o que era bidimensionalidade e tridimensionalidade, desenhou e criou formas tridimensionais e que atualmente é diferente. Seu maior problema relatado foi referente a uma aula com música onde não entendeu a proposta e não realizou a atividade, mesmo com a ajuda do intérprete. Ela tem boa desenvoltura na comunicação, se mostra segura e explica o que espera das aulas de Artes:

- Entrevistador: Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?
- Entrevistado: *Gostar papel dobrar bichos. Gostar mulher desenhar rosto corpo vestido.
(Gosto de fazer dobraduras. Gosto de desenhar mulheres, o Rosto, o corpo com vestidos)*
- Entrevistador: Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?
- Entrevistado: *Eu querer mudar. Pintar, pintar quadros tintas. Pintar vasos objetos.
(Queria que mudasse. Queria pintar quadros, usar tintas. Pintar vasos e objetos.)*

A aluna gosta de realizar atividades manuais, mas no momento sua professora substituta está de licença, e as aulas são ministradas por professores eventuais.

O aluno R.C.B. não demonstra muito interesse nas aulas de Artes. Tem

dificuldades mesmo com a Libras e se comunica pouco por escrito. Foi necessário perguntar várias vezes para que respondesse. Deixou claro que entende as aulas apenas com a ajuda da intérprete. Gosta da professora, mas acredita ter problemas com a habilidade para desenho por isso diz não gostar de Artes.

Entrevistador: Você gosta das aulas de Artes? Por quê?
 Entrevistado: *Ela mandar desenhar eu difícil desenhar. Gostar não.
 (A professora dá a tarefa de desenho e eu acho difícil. Não gosto)*

Entrevistador: Não gosta do quê? Das aulas (soletro A – R – T – E – S) ou da professora?
 Entrevistado: *Não não, professora cabelo (indica cabelo amarrado e comprido)? gorda baixa? Nome? bom bom bom legal! Desenhar mais ou menos.
 (Não, a professora (indica características físicas para identificar a professora e me pergunta o nome)? É muito boa! Legal! É desenhar que eu acho mais ou menos.)*

No caso de S.R.R.B., ele gosta de ir à escola, aprecia a presença da intérprete, porém, tem dificuldade de se socializar com os ouvintes. Quanto às aulas de Artes, ele gostaria de entender melhor as propostas. Assim como nos demais casos, expôs que atualmente utiliza apenas lápis, borracha, lápis de cor.

Entrevistador: Quais são os materiais que você usa para realizar as atividades de Artes em sala de aula?

Entrevistado: Lápis, borracha, régua.

Entrevistador: Você não usa tintas, tesoura, revistas para recortar?

Entrevistado: *Ver nunca outro tinta (olhando, pensando, buscando na lembrança) Lápis cor ter! Só.
 (Nunca vi usar outras coisas, como tinta. Só tem lápis de cor).*

Entrevistador: Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?

Entrevistado: Não saber. Só desenhar
(Não sei. Só desenho)

Entrevistador: Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?

Entrevistado: Tesoura Recortar, mão fazer, pintar.
(Trabalhar com tesoura e recortes, trabalhos manuais, pintura)

Todos os alunos demonstraram certo descontentamento com as aulas de Artes quanto às atividades. Todos disseram que desenhavam, mas em nenhum caso eles se lembraram de aulas expositivas, de utilização de outras imagens durante as aulas, e nem de materiais diferenciados. Também ficou claro que a presença do profissional da área de Libras é essencial, tanto para que a aula seja compreendida quanto para a socialização dos alunos.

2.1.3 Intérpretes de Libras

O questionário foi aplicado a seis intérpretes. Dois deles atuam na mesma unidade escolar que os professores e os alunos entrevistados e os demais em outras instituições. O objetivo foi ter uma visão mais ampla das dificuldades encontradas no trabalho intérprete-professor e intérprete-aluno também em outras localidades.

Síntese das Questões	Intérpretes de Libras					
	E.A.R	F.F.	G.	J.A.F.	M.C.O.	S.F.
Possui formação específica em Libras	sim	não	sim	sim	sim	sim
Possui Prolibras	sim	sim	não	sim	não	sim
Mantém contato com comunidades surdas fora da sala de aula	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Tem acesso ao Plano de Aula	negociável	não	negociável	não	negociável	sim
Repete as instruções para o aluno	sim	não	não	não	às vezes	não
Acha necessário interferir	sim	sim	às vezes	não	não	sim
Realiza atividades que ultrapassam suas atribuições	sim	sim	não	não	sim	sim
Passou por situações onde houve dificuldade para realizar atividades	sim	sim	sim	sim	sim	sim

Tabela 6 Síntese do questionário aplicado a Intérpretes de Libras

Quanto à formação específica em Libras, todos os entrevistados possuem ou Graduação, Pós-Graduação ou Exame Nacional de Proficiência em Libras – Prolibras. Todos mantêm contato com comunidades surdas fora do ambiente escolar, o que sem dúvida ajuda com a fluência na Libras e em conhecer ao indivíduo surdo. Conhecendo seu público, pode produzir melhores resultados no seu trabalho.

O acesso ao Plano de Aula ou à informações antecipadas sobre a aula são importantes para uma boa interpretação. Apenas em um caso esse fato ocorre de forma natural por parte do educador e nos demais ocorre se houver iniciativa por parte do intérprete, e mesmo assim precisa ser negociado. Apesar de não ser necessária a repetição da comanda para a tarefa, a maioria dos intérpretes interferem de alguma forma nas atividades, que podem passar de suas atribuições.

As atividades em que os alunos surdos têm mais dificuldades nas aulas de Artes são as que fazem referência a sons, dança, e seu relacionamento a imagens, como no caso do intérprete S.F., que relatou uma aula de Artes na qual a professora solicitou uma atividade com base em onomatopéias, partindo de uma concepção na qual se desenvolve um trabalho com imagens, mas para o aluno surdo era difícil relacionar o som à descrição do que seria o som pelo intérprete de Libras. A professora não propôs nenhuma alternativa e o aluno não realizou a atividade.

2.1.4 Concluindo as análises

Os professores que passam pela experiência de ter um aluno surdo numa sala inclusiva percebem, em alguns casos, as dificuldades dos alunos, porém, não buscam propor alternativas diferenciadas que contemplem todos os alunos. A essa conclusão chegamos conhecendo a opinião dos alunos que informam que não entendem a aula sem o intérprete ou que tem dificuldades para aprender.

Também fica evidente a importância de uma comunicação ativa entre professores e intérpretes, pois estes afirmam que interferem na realização das tarefas ultrapassando suas atribuições como intérpretes. Os professores por sua vez tendem a se acomodar com a presença do intérprete, pois na falta de conhecimento sobre como lidar com as questões de aprendizagem do aluno, delegam sem perceber tal responsabilidade ao intérprete, que por sua vez entende ter um papel educacional e que uma formação pedagógica é de grande valia, mas que tem consciência de que seu papel não é o do professor de Artes.

2.2 A Imagem como recurso no processo de ensino e aprendizagem: metodologia para o trabalho pedagógico em salas regulares com alunos surdos

Em tempos de Inclusão é natural vivenciarmos tentativas e erros, e sabemos que disso não haverá fim. Mas temos em mãos possibilidades para assumir o controle da situação, diminuir as zonas de atrito, propor novas ideias, trazer o aluno para o mundo das Artes e conduzi-lo de forma a encontrar sua cidadania, sua autonomia e sua identidade.

Crianças e adolescentes surdos que frequentam o ensino Fundamental I e II fazem parte dessa realidade nesse importante momento de desenvolvimento social, emocional, físico e intelectual. No estudo do desenvolvimento humano para Piaget (*apud* CAVICCHIA) esses indivíduos se encontram no Estágio Operatório Concreto que abrange dos 7 a 11 ou 12 anos e no Estágio das Operações Formais, de 11 a 15 ou 16 anos. O Estágio Operatório Concreto apresenta-se como o momento do desenvolvimento humano, no que se dá a aquisição da reversibilidade, ou seja, da capacidade de fazer e desfazer operações concretas, ativando mecanismos da inteligência de ida e volta, de fazer e desfazer. É uma importante fase na qual irá desenvolver noções de tempo, espaço, velocidade e ordem a partir da abstração de dados da realidade. E no estágio das Operações Formais o adolescente deve atingir a abstração. Nela, o indivíduo pode criar hipóteses, aplicar o raciocínio lógico e fazer relações entre a realidade e o imaginário, e solucionar problemas. O estágio das Operações Formais configura-se como uma importante fase para os indivíduos surdos, pois se deve nesse período descobrir, por exemplo, a metáfora⁸.

Para a prática pedagógica eficaz, uma primeira sugestão tem a ver com a disposição dos elementos em sala de aula também. O aluno surdo precisa ter boa visualização de toda a sala e dos colegas, para que possa se sentir seguro e perceber o que acontece à sua volta, ler os lábios, perceber as conversas. Quando a sala é disposta em círculos, ou de forma que os alunos fiquem de frente uns para os outros há melhor aproveitamento nas atividades artísticas. Há ainda pequenas sugestões que também podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente a todos os alunos e para os surdos sobremaneira: primeiro mostrar, depois escrever. Seja vídeo, fotografia, objeto: mostrar o assunto, e depois falar dele. O cérebro humano cria imagens mentais e à medida que uma história, ou uma explicação é contada, as imagens mentais são formadas. Considerando que essas

⁸ Pela complexidade que envolve a própria cultura de um povo, a metáfora muitas vezes só é entendida pelos utentes de uma determinada língua, e mesmo de um determinado local. No caso dos surdos, deverão passar por esse estágio de assimilação do conceito primeiro na sua própria língua.

imagens mentais são pertencentes a um tempo e espaço específico. Como em um quadro com uma paisagem, por exemplo, o céu, as nuvens, uma montanha e uma casa. Cada elemento surgiu após o outro. Primeiro o céu estava ali, depois as nuvens, na sequência a montanha e então a casa. É dessa forma que as imagens se constroem. Dependendo da forma como essa explicação for passada, o aluno criará uma imagem mental diferente da real e isso pode prejudicar o processo de aprendizagem, até que ele por assim dizer apague a imagem que tinha formado, assimile a real e encaixe as explicações anteriores nos seus devidos lugares. A não ser que a atividade deva seguir essa ordem, de explicar e depois mostrar, pode-se buscar uma alternativa com a ajuda informando a atividade ao intérprete de Libras.

Esquemas, quadros, tabelas, diagramas: a organização por meio da sintetização das informações por agrupamento constitui uma ferramenta visual poderosa para o processo de ensino e aprendizagem.

A imagem, que pertence à modalidade visuo-espacial, é uma ferramenta perfeita para representar fatos que ocorrem no tempo e no espaço. Estratégias como desenvolver pequenas histórias em quadrinhos colaboram com o processo de organização espacial e temporal. Tendo como primeira língua (L1) a Libras que é uma língua da modalidade visuo-espacial, a criança surda é hábil na leitura de sinais visuais. Por isso apesar de não saberem ler formalmente, de acordo com a pesquisadora Lucia Helena Reily (2006) não podemos desprezar sua leitura informal, pois conhecem as letras, as formas, os logotipos, os desenhos. São capazes de identificar locais, cédulas de dinheiro, placas de sanitários, símbolos de liga e desliga em aparelhos eletroeletrônicos, ícones de computador e de jogos de videogame. Neste sentido, o cuidado com a qualidade das imagens deve ser o mesmo que se tem na escolha de textos. A imagem não deve ser tratada como mera ilustração, pois “ela tem seu papel e é excelente instrumento para raciocínio espacial.” (REILY, 2006, p. 35). Por isso é preciso trabalhá-las de modo a serem aproveitadas no desenvolvimento dos alunos

É preciso aproveitar o potencial das crianças surdas e ajudá-la a desenvolver esse olhar na apreensão da imagem durante sua leitura. É necessário mostrar o caminho, indicar o que é relevante, conduzir aos detalhes de modo que se aproprie da imagem não só na sua totalidade, percebida na simultaneidade, mas percorrendo cada trecho e extraindo dele o seu significado dentro no todo.

A imagem em movimento também pode ser explorada e trazer resultados positivos. Novas mídias e tecnologias colaboram com esse aspecto. Filmes, documentários e desenhos animados são canais importantíssimos para a transmissão de conteúdos, pois dão forma visual às ideias dos autores e provocam a criatividade. A fotografia pode ser trabalhada produzindo imagens estáticas ou movimento. Desenvolver atividades como o *Stop Motion* para os adolescentes traz resultados positivos para o processo de ensino e aprendizagem. É uma atividade orientada que pode ser feita a partir de um aparelho celular e um computador, recursos de fácil acesso. Nela alunos surdos e ouvintes podem se socializar, criar, analisar e fruir resultados positivos. Utilizando os mesmos equipamentos, podem ser feitas outras produções de diversos gêneros além da animação, como documentários, biografias, ficção científica, telejornais.

Atividades de Artes Visuais envolvem o teatro. Ele pode acontecer no espaço da sala de aula, na criação de propagandas e jornais ao vivo. Nessas atividades o aluno surdo tem participação ativa, pois há tarefas para todos num trabalho em grupo desse porte. Em uma atividade realizada na Escola Estadual Prof^a Liennete Avalone Ribeiro, na cidade de Tatuí, os alunos deveriam apresentar um jornal Visual. Determinado grupo, do qual fazia parte um aluno surdo, apresentou uma situação onde havia o repórter âncora, um repórter de rua, um cidadão surdo sendo entrevistado sobre um acontecimento local e outro aluno como intérprete de Libras. Foi a apresentação mais apreciada. Todos participaram desde os ensaios até a apresentação. Houve processo de organização, criação e concretização do projeto e de socialização a partir do trabalho em grupo.

Uma atividade também relacionada a teatro que logrou ótimos resultados foi realizado na Escola Estadual Chico Pereira. Um projeto que incluía a criação de um produto, elaboração da marca, do logotipo, do *slogan* e a gravação da propaganda. Também foi uma atividade que envolveu os alunos no processo inteiro, e onde cada um com suas diferentes habilidades pôde participar ativamente da tarefa. A aluna surda demonstrou interesse a mais habilidade na elaboração do produto e desenvolvimento da marca, enquanto outros trabalharam com o *slogan*.

Ainda uma atividade relacionada à tridimensionalidade nessa mesma escola foi bastante produtiva. Os alunos criaram imagens tridimensionais, com recortes, colagens e papel amassado. Depois disso, desenharam cada um a sua escultura. Foi como mágica para a aluna surda entender o conceito.

A Inclusão é um processo humano, por isso há falhas e desvios, mas por isso também podemos buscar caminhos, alternativas, adaptações. Não há pretensão deste trabalho de determinar atividades e nem esgotar o assunto que demandaria uma extensa e específica pesquisa, mas sim provocar um novo olhar sobre essas diferenças, e pensar um fazer pedagógico aberto, que alcance todos os alunos, uma pedagogia que inclua neste caso também os surdos.

CONCLUSÃO

A realidade da presença de alunos surdos em salas de aula regulares faz parte da vida de qualquer um de nós que transpondo a porta da sala de aula temos a responsabilidade pedagógica de colaborar e promover a Inclusão. Atuar em salas do Ensino Fundamental especificamente como arte/educador demanda mais do que a licenciatura, que deve ser apenas um primeiro passo, um despertar para a necessidade de buscar uma formação contínua. A sala de aula regular com aluno surdo incluído requer conhecimentos muito específicos.

Entender como se desenvolve a linguagem na criança surda, que vive imersa no mundo do silêncio que pode ser riquíssimo em experiências visuais e que faz parte de um grupo com singularidades culturais e linguísticas promoverá uma atuação pedagógica de qualidade. O educador deve se apossar desses conhecimentos e ser capaz de desenvolver atividades que envolvam tal desenvolvimento, participando do processo junto com o aluno, mesmo com o suporte do Intérprete de Libras fará o aluno se sentir acolhido, e não assustado pelo mundo de sons desconhecidos que o envolvem. O fará se sentir aceito como igual, respeitando sua diferença. Entender a necessidade das adaptações, experimentá-las e buscar resultados que sejam bons para todos os alunos pode ser recompensador.

Como vimos, há legislação específica para embasar o fazer pedagógico. Os mecanismos utilizados para que essas leis e decretos surgissem são peça fundamental na história da educação dos surdos. Dele fazem parte a luta da comunidade surda, e conseguimos assim perceber o quanto somos iguais enquanto indivíduos que buscam o respeito e o direito de ser únicos,. Passamos a respeitar o direito do surdo de decisão por uma educação que trate de suas especificidades, e como tem sido trabalhoso e ainda há resistência nesse aspecto.

Durante o processo de pesquisa, foi de suma importância o contato com professores, alunos e intérpretes de Libras, quando da aplicação dos questionários. As respostas na verdade levantaram mais questões que merecem pesquisa. Professores que indicam fazer um trabalho inclusivo, porém, alunos que de forma geral não entendem as propostas para as aulas de Artes e só desenham, ou seja, desenvolvem um conceito equivocado sobre as aulas de Artes. Intérpretes de Libras

assumindo um papel que ultrapassa suas atribuições, adaptando espaços e material para que o aluno surdo aproveite a aula. O professor entendendo o valor do intérprete de Libras, mas sem perceber que ele deve desenvolver uma comunicação, que talvez não seja a esperada para um ambiente bilíngüe, mas que pode lhe instrumentalizar para perceber as adaptações que precisam ser feitas. Ou seja, a responsabilidade sobre o processo de ensino-aprendizagem, é de todos, mas principalmente do arte/educador.

O currículo do Estado de São Paulo para Artes, que é uma proposta de ação pedagógica, contempla Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. No caso dos professores formados em Artes Visuais, fazer adaptações para aulas com música é ainda mais complicado. São enviadas às escolas públicas apostilas para o Ensino Fundamental II e Médio. Mesmo assim, o trabalho tem que ser adaptado ainda à realidade regional, ou local. Em salas com alunos surdos a situação fica um pouco mais complicada. Porém, é possível com algumas alterações no espaço, forma de escrita no quadro, adaptações espaciais e da comunicação conseguir resultados surpreendentes.

É possível encontrar muitas pesquisas sobre surdez e educação quando o assunto é aquisição do Português como segunda língua. Mas pesquisas relacionadas a Artes e educação de surdos são escassas. Uma pesquisa mais ampla e detalhada demanda tempo e recursos. Temos na cidade de São Paulo escolas bilíngues, e uma escola considerada modelo internacional, a Escola Rio Branco para Crianças Surdas, onde as aulas no Ensino Fundamental I são ministradas em Libras, e no próximo ciclo as crianças são incluídas em salas regulares com alunos ouvintes. Há intenção de pesquisar nessas escolas, como ocorrem as aulas de Artes, de que forma são organizadas e quais os resultados obtidos em comparação a escolas públicas com salas inclusivas no ensino fundamental II.

Neste sentido, que este trabalho seja um incentivo para pesquisas mais específicas que colaborem para o nosso crescimento profissional e que este se reflita no desenvolvimento de nossos alunos, surdos ou ouvintes, que então com professores mais capacitados terão subsídios para uma formação que os torne capazes de respeitar, conviver e aprender com as diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRES, Neiva de Aquino. *Surdos e inclusão educacional*, Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010
- BARBOSA, Ana Mae . *Os PCN's de Arte e a Educação Especial – Arte na Educação Para Todos*. ANAIS do V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos – MEC, V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos. Brasília, 2000
- (_____.) *A Imagem no Ensino da Arte – Anos Oitenta e Novos Tempos*. São Paulo, Perspectiva, 2007
- BRASIL, www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm
- (_____.) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997: Arte
- (_____.) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica*. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Brasília, 2001. Acessado em setembro de 2012.
- CALDAS, Ana Luiza Paganelli. *O Filosofar da Arte na Criança Surda: Construções e Saberes*. Tese de Mestrado. Porto Alegre, 2006
- CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. *O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*(online). Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>. Acessado em novembro de 2012, sem data de publicação.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*, (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>; Outubro, 2012
- FERRAZ, Heloisa Corrêa de Toledo. *Refletindo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte*. ANAIS do V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos – MEC, V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos. Brasília, 2000
- GAMA, Maria Clara S. Salgado, *A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação* (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>; 2012
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, Surdez e Educação*, 3ª edição revista, Campinas, SP: Autores Associados, 2002

LACERDA, Cristina Broglia. *A Inclusão escolar de alunos surdos no Ensino Infantil e Fundamental: Buscando respeitar sua condição lingüística e suas necessidades educacionais*. Pesquisa. 2007

LACERDA, C.B. & LODI, A.C.B. *A difícil tarefa de promover uma inclusão escolar bilíngue para alunos surdos*. (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt15-2962--int.pdf>, sem data de publicação

LEITE, Emely Marques Costa. *Os papéis do Intérprete na Sala de Aula Inclusiva*. (online) Disponível na internet via HTTP. URL <http://editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Arara Azul. Rio de Janeiro 2005

LIMA, Sonia Albano. *A perspectiva de ensino artístico projetada por H.Gardner e os parâmetros curriculares nacionais – PCNs(ARTE)do ensino fundamental*. 2008. Endereço eletrônico: www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/6030 acessado em setembro de 2012

LORANDI, Aline; CRUZ, Carina Rebello; SCHERER, Ana Paula Lorandi. *Aquisição da Linguagem*. VERBA VOLANT, Volume 2, Número 1, janeiro 2011 (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/segundo/lorandi.pdf> acessado em novembro de 2012

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Todas as crianças são bem-vindas a escola*. 2004. Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.pro-inclusao.org.br/textos.html> acessado em setembro de 2012

PERLIN,G.& STROBEL, K. *Fundamentos da Educação dos Surdos*, artigo, Florianópolis, 2006

PILLAR, Analice Dutra (org). *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. 7ª edição. Mediação, Porto Alegre, 2011

QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Artmed, Porto Alegre: 2004

REILY, Lúcia. *Escola Inclusiva: linguagem e mediação*. Papyrus, São Paulo 2006

(_____.) *Atividades de Artes Plásticas na Escola*, Pioneira, São Paulo,1993

VILHALVA, Shirley. *Pedagogia Surda*. Ainda não apresentado na forma impressa, disponibilizado a partir de Outubro/2004 em www.editora-arara-azul.com.br, acessado em setembro de 2012

ANEXO A – Questionário aplicado aos Professores de Artes

Professora A.C.C.

Escola Estadual Chico Pereira

Professora de Artes, Pedagoga, Letras

Questionário para Professores de Artes

Qual o nível em que trabalha?

(x) Fundamental I (x) Fundamental II () Ensino Médio

1 .Atua em salas regulares com alunos surdos e/ou deficiente(s) auditivo(s) incluídos? Quantos?

Sim, 2 alunos

2 .Qual a forma utilizada para a comunicação com o(s) aluno(s) surdo(s) ou deficiente(s) auditivo(s)?

() Língua de sinais brasileira – Libras (x) leitura labial

() gestos / mímica (x) escrita

Se outro, poderia especificar?

3 .Há intérprete de Libras em sala de aula? **Sim**

4 . Seu contato com surdos se dá apenas em sala de aula ou conhece surdos em outras situações na sociedade? **Somente em sala de aula**

5 .Já recebeu alguma orientação técnica ou fez algum tipo de curso na área de surdez/deficiência auditiva? **Não**

6.Percebe diferença nas questões de aprendizagem em artes visuais no(s) aluno(s) surdo(s)?

Artes Visuais realmente se torna mais fácil , mas infelizmente na linguagem musical temos muita dificuldade

7 .Costuma preparar as aulas de forma diferenciada ou, acha necessário que sejam feitas adaptações curriculares para salas de aulas com alunos surdos? **SIM**

a) Aplica alguma metodologia diferente em tais aulas? **Junto com a intérprete algumas aulas de artes são feitas adaptações**

b) Quais são os resultados apresentados? **Excelentes. A força de vontade de aprender desses alunos é significativa.**

8. Quais são as principais dificuldades que o professor percebe quando elabora um plano de ensino buscando contemplar o ensino das artes visuais para alunos surdos? **De saber se este aluno está aprendendo sobre o conteúdo trabalhado.**

9.Há diferença quando existe um intérprete de Libras em sala de aula? **É com um intérprete em sala de aula a aula flui normalmente .**

10 .Caso atue com um intérprete em sala de aula, costuma informar as atividades com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o interprete de libras? **Excelente.**

11. O Projeto Politico e Pedagógico proposto pela sua Unidade Escolar contempla essas situações? Caso a resposta for negativa, apresente os pontos que não contemplam e suas especificidades. **Com certeza sim, mas no papel tudo é bonito.**

12. Em sala de aula, já passou por alguma situação diferenciada na qual especificamente teve que adaptar ou adequar alguma atividade para alunos com surdez e/ou deficiência auditiva? Explique. **Sim a aula sobre tridimensionalidade. Fizemos as formas em 3D.Apresentações.**

13. Como acontece a interação entre os estudantes surdos e ouvintes nas aulas de artes? E entre professor e aluno surdo?**Aos estudantes surdos são muito observadores e com a intérprete em sala de aula torna isso possível.**

14. Tem alguma sugestão que gostaria de fazer sobre a atuação do professor em sala de aula inclusiva com alunos surdos? **Orientação técnica.**

Professora A. P. F.

EE Chico Pereira

Artes Plásticas

Questionário para Professores de Artes

Qual o nível em que trabalha?

() Fundamental I (x) Fundamental II (x) Ensino Médio

1 .Atua em salas regulares com alunos surdos e/ou deficiente(s) auditivo(s) incluídos? Quantos?

2

2 .Qual a forma utilizada para a comunicação com o(s) aluno(s) surdo(s) ou deficiente(s) auditivo(s)?

(x) Língua de sinais brasileira – Libras () leitura labial

(x) gestos / mímica () escrita

Se outro, poderia especificar?

3 .Há intérprete de Libras em sala de aula? **Sim**

4 . Seu contato com surdos se dá apenas em sala de aula ou conhece surdos em outras situações na sociedade? **Sim, apenas em sala de aula**

5 .Já recebeu alguma orientação técnica ou fez algum tipo de curso na área de surdez/deficiência auditiva? **Sim. Cursos em Educação Especial e em Libras**

6.Percebe diferença nas questões de aprendizagem em artes visuais no(s) aluno(s) surdo(s)?

Sim, eles apresentam maior sensibilidade no desenho

7. Costuma preparar as aulas de forma diferenciada ou, acha necessário que sejam feitas adaptações curriculares para salas de aulas com alunos surdos? **SIM**

a) Aplica alguma metodologia diferente em tais aulas? **Procuro envolver atividades visuais, como pranchas e slides em aulas expositivas.**

b) Quais são os resultados apresentados? **Exposição através das produções dos alunos.**

8. Quais são as principais dificuldades que o professor percebe quando elabora um plano de ensino buscando contemplar o ensino das artes visuais para alunos surdos? **Falta de material adaptado ao aluno surdo.**

9. Há diferença quando existe um intérprete de Libras em sala de aula? **Sim, considero o trabalho do intérprete como uma peça fundamental em sala de aula que nos dá muita segurança durante o nosso trabalho.**

10. Caso atue com um intérprete em sala de aula, costuma informar as atividades com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o intérprete de libras? **Sim, é com a informação antecipada que o intérprete consegue mediar o conteúdo que será contextualizado em sala de aula.**

11. O Projeto Político e Pedagógico proposto pela sua Unidade Escolar contempla essas situações? Caso a resposta for negativa, apresente os pontos que não contemplam e suas especificidades. **Nosso PPP está em fase de elaboração onde serão propostas ações de inclusão ao aluno surdo.**

12. Em sala de aula, já passou por alguma situação diferenciada na qual especificamente teve que adaptar ou adequar alguma atividade para alunos com surdez e/ou deficiência auditiva? Explique. **Sim, a maior dificuldade está na linguagem musical, como incluir o aluno surdo de forma que ele não se sinta excluído ou até mesmo ridicularizado pelo grupo. Considero um dos maiores desafios no ensino da Arte.**

13. Como acontece a interação entre os estudantes surdos e ouvintes nas aulas de artes? E entre professor e aluno surdo? **Entre os estudantes surdos e ouvintes há muita aceitação do grupo que acabam sendo muito solidários entre si. Em se tratando de professor e aluno surdo, as barreiras vão sendo superadas a partir do momento que o professor se coloca como um aprendiz ativo e participativo em sala de aula promovendo a verdadeira inclusão em sala de aula.**

14. Tem alguma sugestão que gostaria de fazer sobre a atuação do professor em sala de aula inclusiva com alunos surdos? //

Professora S. C. A.

EE Chico Pereira

Educação Artística

Questionário para Professores de Artes

Qual o nível em que trabalha?

Fundamental I Fundamental II Ensino Médio

1 .Atua em salas regulares com alunos surdos e/ou deficiente(s) auditivo(s) incluídos? Quantos?

Um aluno

2 .Qual a forma utilizada para a comunicação com o(s) aluno(s) surdo(s) ou deficiente(s) auditivo(s)?

Língua de sinais brasileira – Libras leitura labial

gestos / mímica escrita

Se outro, poderia especificar? **Interprete**

3 .Há intérprete de Libras em sala de aula? **Sim**

4 . Seu contato com surdos se dá apenas em sala de aula ou conhece surdos em outras situações na sociedade? **Só na escola**

5 .Já recebeu alguma orientação técnica ou fez algum tipo de curso na área de surdez/deficiência auditiva? **Não ainda**

6.Percebe diferença nas questões de aprendizagem em artes visuais no(s) aluno(s) surdo(s)?

O aluno é mais atencioso em sala de aula

7 .Costuma preparar as aulas de forma diferenciada ou, acha necessário que sejam feitas adaptações curriculares para salas de aulas com alunos surdos? **SIM**

a) Aplica alguma metodologia diferente em tais aulas? **Novas técnicas , projetos diferenciados(produção de um livro com Libras)**

b) Quais são os resultados apresentados? **O aluno é muito participativo e não sente tanta dificuldade na aprendizagem.**

8. Quais são as principais dificuldades que o professor percebe quando elabora um plano de ensino buscando contemplar o ensino das artes visuais para alunos surdos? **Não achei muita dificuldade na aplicação, porque teve a ajuda da intérprete.**

9.Há diferença quando existe um intérprete de Libras em sala de aula? **É muito importante a ajuda do intérprete pois quando o professor está explicando a matéria, o aluno fixa melhor e mais rápido a matéria.**

10 .Caso atue com um intérprete em sala de aula, costuma informar as atividades com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o interprete de libras? **Sim, para a interprete ir já adiantando , como vai ajudar o aluno a entender melhor a matéria , o assunto da aula.**

11. O Projeto Politico e Pedagógico proposto pela sua Unidade Escolar contempla essas situações? Caso a resposta for negativa, apresente os pontos que não contemplam e suas especificidades. **Está em processo de elaboração e deve contemplar pois a escola recentemente começou a receber alunos surdos.**

12. Em sala de aula, já passou por alguma situação diferenciada na qual especificamente teve que adaptar ou adequar alguma atividade para alunos com surdez e/ou deficiência auditiva? Explique. **Foi quando coloquei um vídeo do Chaplin(cinema mudo) ele gostou muito, pois ele se identificou com o filme.**

13. Como acontece a interação entre os estudantes surdos e ouvintes nas aulas de artes? E entre professor e aluno surdo? **A ajuda do intérprete é muito importante a aula fica muito boa.**

14. Tem alguma sugestão que gostaria de fazer sobre a atuação do professor em sala de aula inclusiva com alunos surdos? **O professor que dá a sua aula, tem que dar atenção ao aluno surdo e ao mesmo tempo dar atenção ao resto da sala, o professor tem que dar uma aula dinâmica, uma aula bem preparada com antecedência.**

ANEXO B – Questionário aplicado aos Alunos surdos

ALUNA: J.P.S., 20 anos, 3º EM EJA

OBS: A entrevista foi realizada em Libras. A 'fala' do aluno surdo foi preservada, e transcrita em português com verbos no infinitivo. As marcas de tempo são sinalizadas antes do verbo, indicando passado, presente ou futuro. A versão para o português correto está logo abaixo da frase original. Em algumas perguntas abertas, foram feitas perguntas adicionais.

1. Em sua escola há interpretes de Libras que acompanham as suas aulas?

Não.

2. Como você e seu professor de Artes se comunicam?

() Língua de sinais

(x) Leitura labial

() gestos / mímica

() escrita

Se outro, qual?

3. Você gosta das aulas de Artes? Por quê?

Gosto pouco. Porque só escrever ou fazer desenho simples.

(Gosto um pouco. Porque ou escrevemos ou fazemos desenhos simples.)

- Pensando em outras escolas em que você tenha estudado, as aulas eram iguais? O que era diferente?

Estudar 4 escolas. Aqui aula melhor professora Ana Cláudia. Ela passou antes explicar jeito certo fazer desenhos.

(Eu estudei em quatro escolas diferentes. Nesta aqui as aulas foram melhores com a professora Ana Cláudia. Nas aulas que eu tive com ela, ela explicava o jeito certo de fazer os desenhos)

- Em casa você tem ajuda para realizar as atividades solicitadas pelos professores?

Minha família ajudar. Um pouco de sinais também leitura labial.

(Minha família me ajuda. Com um pouco de sinais e com leitura labial)

4. Você entende bem as atividades propostas pelo professor?

Entender pouco. Mas ela (professora) só escrever de novo. Como explicar (aponta para o quadro)? Difícil entender. Ela Ana.

(Eu entendo um pouco. A professora escreve muito. E a explicação do que escreveu? É difícil para eu entender. A professora Ana.)

- É a professora Ana Cláudia?

Não, outra loira curto (faz um sinal indicando o cabelo curto da professora) Ana Cri...(não se lembra e soletra as primeiras letras) esqueci.

Não, é a outra de cabelo curto, Ana Cri...esqueci.

5. Quais são os materiais que você usa para realizar as atividades de Artes em sala de aula?

Caderno, lápis de cor, estojo, régua.

6. Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?

Não saber.

(Não sei.)

7. Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?

Intérprete, professor aprender pouco sinais, gosto de escrever, dá aprender (se referindo ao que escreve).

(Que tivesse intérprete, que o professor soubesse um pouco de sinais. Eu gosto de escrever e consigo aprender com o que eu escrevo)

8. Você se comunica com colegas na sala de que forma?

Eles sinais não saber. Eu falo pouco baixo entender, eles eu ler lábios ou escrever. Eles “mímica (balança o corpo e mãos, gesticulando, indicando “mímica”)

(Eles não sabem língua de sinais. Eu falo um pouco e baixo, eu leio os lábios deles ou escrevemos. Eles(colegas) fazem mímica pra se comunicar.)

9. Você se lembra de alguma atividade de Artes que você tenha feito da qual gostou muito?

Não. (tenta lembrar) Não.

ALUNA: L.A.A., 15 anos, 7º ano EF II

OBS: A entrevista foi realizada em Libras. A ‘fala’ do aluno surdo foi preservada, e transcrita em português com verbos no infinitivo. As marcas de tempo são sinalizadas antes do verbo, indicando passado, presente ou futuro. A versão para o português correto está logo abaixo da frase original.

Em algumas perguntas abertas, foram feitas perguntas adicionais.

1. Em sua escola há intérpretes de Libras que acompanham as sua aulas?**Sim.**

2. Como você e seu professor de Artes de comunicam?

() Língua de sinais

() leitura labial

(x) gestos / mímica

(x) escrita

Se outro, qual? **Interprete ajuda** *(Tenho a ajuda do intérprete)*

3. Você gosta das aulas de Artes? Por quê?

Mais ou menos. Professor quem é gosto ou não gosto.

(Mais ou menos. Depende do professor)

- Mas das aulas de Artes, sem pensar no professor, você gosta?

**Eu gostar desenho. Gostar de coisas diferentes, pintar, coisas diferentes. Só dar papel desenhar
desenhar desenhar chato.**

(Eu gosto de desenhar, gosto de coisas diferentes. Só fazer desenho livre sempre é chato.)

- Hoje, você gosta das aulas que tem hoje, com o atual professor?

Trocar professor. Nova, não saber, vou ver. Outra doente, ‘magrinha’, ela? Saiu doente.

(Trocou de professor. Essa agora é nova, vou ver. A outra está doente, sabe aquela professora magrinha? Ela saiu, está doente.)

- E da outra?

Ela ‘magrinha’. Ela ensinar música entender nada.

(A professora ‘magrinha’. Ela ensinou música, eu não entendi nada)

4. Você entende bem as atividades propostas pelo professor?

Intérprete junto só. *(Só com intérprete)*

5. Quais são os materiais que você usa para realizar as atividades de Artes em sala de aula?

Lápis de cor, papel, lápis, tesoura, borracha. Cola.

6. Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?

Gostar papel dobrar bichos. Gostar mulher desenhar rosto corpo vestido.

(Gosto de fazer dobraduras. Gosto de desenhar mulheres, o rosto o corpo com vestidos (desenho de moda.))

7. Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?

Eu querer mudar. Pintar, pintar quadros tintas. Pintar vasos objetos.

(Queria que mudasse. Queria pintar quadros, usar tintas. Pintar vasos e objetos.)

8. Você se comunica com colegas na sala de que forma?

Um amigo sinais aprender, outro amigos escrever ou mímica e outros intérprete.

(Um amigo aprendeu sinais da Libras, outros amigos por escrita ou mímica, e outros com intérprete)

9. Você se lembra de alguma atividade de Artes que você tenha feito que gostou muito?

Lembrar 6º ano professora muito bom. Aula de 2D 3D amassar papel e fazer 3 D recortes e fazer desenhos 3d profundo atrás. Esse eu aprender agora não.

(Me lembro de aulas no 6º ano. Aulas sobre 2D e 3D, amassando papel e fazendo figuras em 3D, com recortes, e fiz também desenhos em 3D com profundidade. Nessas aulas eu aprendia, agora não.)

Aluno: R.C.B., 24 anos 7ª série EJA

OBS: A 'fala' do aluno surdo foi preservada, e transcrita em português com verbos no infinitivo. As marcas de tempo são sinalizadas antes do verbo, indicando passado, presente ou futuro. A versão para o português correto está logo abaixo da frase original.

1. Em sua escola há intérpretes de Libras que acompanham as suas aulas?

Sim 'sinal da intérprete'

(Sim, sinal (identifica a intérprete))

2. Como você e seu professor de Artes se comunicam?

() Língua de sinais

() leitura labial

() gestos / mímica

() escrita

Se outro, qual?

Intérprete . Ela (aponta para sala de aula indicando professor) saber não.

(Intérprete. A professora não sabe Libras.)

3. Você gosta das aulas de Artes? Por que?

Ela mandar desenhar eu difícil desenhar. Gostar não.

(A professora dá a tarefa de desenho e eu acho difícil. Não gosto)

- Não gosta do quê? Das aulas (soletro A – R – T – E – S) ou da professora?

Não não, professora cabelo (indica cabelo amarrado e comprido)? gorda baixa? Nome? bom bom bom legal! Desenhar mais ou menos.

Não, a professora (indica características físicas para identificar a professora e me pergunta o nome)? É muito boa! Legal! É desenhar que eu acho mais ou menos.

4. Você entende bem as atividades propostas pelo professor?

Antes professor escola falar mostrar livro ler eu entender? Nada. Agora fácil intérprete.

(Antes, na outra escola, o professor só falava ou mostrava e lia no livro. Eu não entendia nada. Agora com intérprete ficou fácil.)

5. Quais são os materiais que você usa para realizar as atividades de Artes em sala de aula?

Lápis, caderno de desenho (descreve o caderno com espiral em cima e folha sem linhas)

- Você não usa tintas, lápis de cor, borracha, tesoura?

Ver nunca outro tinta (olhando, pensando, buscando na lembrança) Lápis cor ter!

(Nunca vi outra coisa, tintas... sim, lápis de cor é usado)

6. Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?

Nenhum, saber não.

(Nenhuma, não sei)

7. Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?

Nada, eu saber nada. Gostar não . Não saber Artes (sinal para desenhar)

(Não, porque não gosto de Artes. Não sei Artes.)

8. Você se comunica com colegas na sala de que forma?

Turma bom legal professor explicar turma ler eu juntar bom fazer juntos.

(A turma é legal. A professora explica, eles lêem, eu fico junto e faço junto com eles.)

9. Você se lembra de alguma atividade de Artes que você tenha feito que gostou muito?

Não. Nada.

ALUNO: S.R.R.B., Idade 37 anos, 6ª série EJA

OBS: A entrevista foi realizada em Libras. A 'fala' do aluno surdo foi preservada, e transcrita em português com verbos no infinitivo. As marcas de tempo são sinalizadas antes do verbo, indicando passado, presente ou futuro. A versão para o português correto está logo abaixo da frase original.

Em algumas perguntas abertas, foram feitas perguntas adicionais.

1. Em sua escola há intérpretes de Libras que acompanham as suas aulas?

Sim. (aponta para a sala de aula, faz o sinal de identificação da Intérprete e soletra seu nome) G A B I.

(Sim, a Gabi)

2. Como você e seu professor de Artes se comunicam?

() Língua de sinais

() Leitura labial

() gestos / mímica

() escrita

Se outro, qual?

Ela (aponta para a sala indicando o professor de Artes) ouvinte, eu surdo só oi, tchau. Outra interpretar ajudar (aponta e faz o sinal da intérprete) sinais.

(A professora é ouvinte e eu surdo. Só dizemos 'oi' e 'tchau'. Outra pessoa ajuda interpretando, ela, a Gabi.)

3. Você gosta das aulas de Artes? Por quê?

Sim. Professora explicar, Gabi abrir notebook mostrar desenho entender bom ela professora(apontando para professora). Eu não desenhar bem, mas gostar.

(Sim. A professora explica e a Gabi abre o notebook e me mostra desenhos, então eu entendo, é boa a professora. Eu não desenho bem, mas gosto de desenhar)

- Mas, das aulas de A-R-T-E-S (soletro a palavra em Libras), você gosta ou não gosta?

Sim! Gostar!(Sim, gosto!)

- Pensando em outras escolas em que você tenha estudado, as aulas eram iguais? O que era diferente?

Eu estudar Barão (nome de outra escola pública da região) junto 6 surdos mas só falar falar(com expressão de não entender), começar horas 8 até 11.Mas só falar copiar. Outro escola nada. Eu sair “0” cabeça. Artes nada nada não tem. Idade 15 ou 16. Aqui diferente ajudar aprender.

(Eu estudei no Barão, com mais seis surdos. Mas os professores só falavam muito, e eu não entendia. A aula era das 8 até as 11. Mas só falavam e eu copiava. Lá eu não aprendia nada. Eu sai de lá sem ter aprendido nada. De Artes não tinha nada. Eu tinha 15 ou 16 anos.)

4.Você entende bem as atividades propostas pelo professor?

Eu entender intérprete explicar ok.Só fazer, mais ou menos entender.

(Eu entendo quando o intérprete explica. Aí tudo bem. Eu faço mais ou menos, mas entendo.

5.Quais são os materiais que você usa para realizar as atividades de Artes em sala de aula?

Lápis, borracha, régua.

- Você não usa tintas, tesoura, revistas para recortar?

Ver nunca outro tinta (olhando, pensando, buscando na lembrança) Lápis cor ter!Só.

(Nunca vi usar outras coisas, como tinta. Só tem lápis de cor).

6.Quais as atividades que você mais gosta? Por quê?

Não saber. Só desenhar

(Não sei. Só desenho)

7.Você acha que a aula de Artes poderia ser diferente? Como você gostaria que fosse?

Tesoura Recortar, mão fazer, pintar.

(Trabalhar com tesoura e recortes, trabalhos manuais, pintura)

8. Você se comunica com colegas na sala de que forma?

Pouco. Sinais não saber. Falar. Gabi bom conversar ok. Casa minha esposa ajudar surda igual Ela mais inteligente. Ela falar pouco, ela ajudar sempre animar eu feliz ela esposa animar.

(Pouco, eles não sabem sinais. Só falam. Com a Gabi converso. Em casa sim, minha esposa me ajuda, ela também é surda mas ela é mais inteligente do que eu. Ela sabe falar um pouco, ela sempre me anima, me sinto feliz porque minha esposa me incentiva)

9. Você se lembra de alguma atividade de Artes que você tenha feito que gostou muito?

Não.

ANEXO C – Questionário aplicado aos Intérpretes de Libras

Seu nome: E.A.R.

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I () Fundamental II(X) (médio e superior)

Nome da Escola: Centro Educacional para Crianças Surdas Rio Branco; Fundação Bradesco; Instituto Santa Terezinha; EMEF João Ribeiro de Barros (Prefeitura de São Paulo, zona leste, DRE Guaianases)

Particular (X) Municipal (X) Estadual () outro (X)

1. Qual a sua formação em Libras?

Graduação (Bacharel em Letras com habilitação em Libras); porém, este título veio bem depois de anos de formação empírica. Proficiência do MEC- PROLIBRAS

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

A convivência com pessoas surdas e o trabalho voluntário assistencial que exerço desde a juventude.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Sim.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o interprete de libras?

Quando começo a trabalhar em uma nova escola, ou quando chega um novo professor, busco o trabalho em parceria. Se ficarmos esperando, nada será feito a nosso favor, precisamos a iniciativa de informar em que consiste o nosso trabalho e como dependemos de “orientações” para a realização de um trabalho com qualidade. E mesmo perguntar ao professor o que ele espera que o aluno realize.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Porque? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

Arte, e qualquer outra disciplina precisam ser expostas de uma maneira que atenda as necessidades educativas de todos os alunos, apresentando ou não, qualquer deficiência. Assim, o ideal seria que o material fosse preparado com o objetivo de atrair a atenção dos que demonstram habilidades visuais, auditivas ou sinestésicas. Um exemplo: ao apresentar um determinado conceito artístico, apresentar além da imagem principal, outras imagens auxiliares, vídeos, músicas etc. Assim, prendemos a atenção de todos.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

Pode ser necessário o uso de técnicas interpretativas, como expansão, explicitação, que são naturais nesta área de atuação. É necessário deixar bem claro o que se espera do aluno, desta forma, ele tem todo o potencial de superar as expectativas.

7. Você atua de fato como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Ao atuarmos nestes níveis de ensino, além de intérpretes, somos educadores. Estamos participando ativamente na formação dos educandos, portanto, é bem vinda uma formação pedagógica, afinal, todos, dentro do ambiente escolar são “educadores”.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor?

Em certa ocasião, incentivei os alunos a se manifestarem, informando o que poderia contribuir para aclarar o conceito de dança e ritmo. Apesar da indisposição momentânea por parte da professora, na aula seguinte ela encontrou vídeos-aula que abordavam o mesmo assunto. Apenas faltou-lhe controlar o tempo, ou mesmo editar o material, para que não se tornasse cansativo para os alunos, que assistiram mais de 15 minutos o mesmo ritmo, não dando tempo de ver todos.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

Existe um curso promovido pela Pinacoteca do Estado de São Paulo chamado "Ensino da Arte na Educação Especial e Inclusiva" e que, com certeza seria muito apreciado por professores e intérpretes de todos os níveis de ensino.

Seu nome: F.F.

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I (x) Fundamental II()

Nome da Escola: EE PROFESSOR SEBASTIÃO PINTO

Particular () Municipal () Estadual(X) outro ()

1. Qual a sua formação em Libras?

MAGISTÉRIO + PROLIBRAS

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

Sou Testemunha de Jeová, e fui convidada a fazer esse curso pra poder ensinar, ajudar os surdos a conhecer sobre Deus.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Comunidade não, mas faço um trabalho voluntário, ajudo pessoas surdas que não conhece sinais a aprender.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o interprete de libras?

Não, ela prepara a aula dela mas em nenhum momento inclui o aluno surdo em suas aulas, ou seja, não prepara nenhuma atividade adaptada a ele.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Porque? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

Não, porque a professora não dá nenhuma atividade diferente, a não ser desenhos pra colorir ou o caderno de desenho pra fazer algum desenho.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

As vezes eu preciso explicar a ele que não é pra fazer qualquer desenho, mas pra fazer o que a professora mandou.

7. Você atua apenas como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Interpreto um pouco, mas tenho que ensinar libras a ele, pois ele não sabia. Aos poucos fui introduzindo libras a ele. Nesse momento ele já conhece o básico.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor?

Ser respeitado o tempo dele. Antes disso, que o professor mostre interesse pelo aluno surdo, fazendo, digo, proporcionando aulas para trabalho em grupo.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

Uma vez sendo aula de arte, é bom momento para o professor ajudar no desenvolvimento motor e perceptivo do aluno surdo, por proporcionar atividades de interação entre os alunos.

Isso é inclusão, e é isso que não acontece.

Seu nome: G.

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I (x) Fundamental II ()

Nome da Escola: EE Chico Pereira

Particular () Municipal (x) Estadual () outro ()

1. Qual a sua formação em Libras?

Curso de Libras e Pós Graduação em Educação Inclusiva

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

No início o que me mobilizou foi a curiosidade, a partir do momento que tive contato com os surdos me despertou o interesse de ajudá-los, pois eles tem um potencial grande mas não são compreendidos na comunidade.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Sim, tenho.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o intérprete de libras?

Alguns sim, quando há o diálogo a aula fica completa, pois assim nós intérpretes podemos planejar a aula com antecedência, conseqüentemente trazer diversos materiais para o melhor entendimento e aprendizagem do aluno.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Porque? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

Não.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

As vezes, as atividades são modificadas de acordo com o nível de entendimento do aluno.

7. Você atua apenas como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Apenas como intérprete.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor?

Não. Sempre quando o aluno tem dificuldade o professor dá atividade diferenciada.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

As aulas de artes que meu aluno participa são muito boas, não tenho nada a reivindicar, pois a professora trabalha de forma que ele participe e de fácil entendimento.

Seu nome: J.A.F.

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I () Fundamental II(x)

Nome da Escola: Colégio Rio Branco

Particular () Municipal () Estadual() outro (x)

1. Qual a sua formação em Libras?

Letras-Libras, UFSC polo UNICAMP, Prolibras

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

O contato com surdos, primeiro no âmbito religioso como Testemunha de Jeová, depois a necessidade de promover acessibilidade também no campo da educação.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Sim, em eventos da comunidade surda e como muitos amigos surdos que tenho.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o intérprete de libras?

O plano de aula não é compartilhado na sua criação, mas durante as aulas temos abertura e oportunidades de discutir as atividades como os professores com o objetivo de adaptar essas atividades as diferenças dos alunos surdos.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Porque? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

No colégio Rio Branco as instruções das atividades são dadas em sala de aula antes dos alunos irem para o ateliê. Uma vez no ateliê o professor apenas acompanha os alunos tirando dúvidas e oferecendo sugestões. Acredito que essa é uma boa metodologia que favorece os alunos surdos.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

Não, apenas caso os alunos surdos façam perguntas para a professora ou está venha lhes transmitir alguma instrução. O intérprete fica na sala de artes apenas para suprir a necessidade de comunicação quando houver.

7. Você atua apenas como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Eu não diria que atuo “apenas” como intérprete já que esta é uma atividade bastante complexa. Mas não ultrapasso as atribuições bem estabelecidas pelo Colégio da atividade do intérprete.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor?

Sim, as vezes a atividade que o professor pede tem exige que os alunos trabalhem com músicas. Nesses casos os professores são instruídos pela coordenação e inclusão há adaptarem a atividades para os alunos surdos trabalhando com recursos visuais como filmes ou gravuras que atinja o objetivo da atividade proposta.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

As aulas de artes exploram bastante os recursos visuais o que é bom para os alunos surdos terem contato com a cultura e desenvolverem seu potencial criativo.

Seu nome: M.C.O.

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I () Fundamental II () EJA (x)

Nome da Escola: Escola Estadual Chico Pereira

Particular () Municipal () Estadual(x) outro ()

1. Qual a sua formação em Libras?

Cursos de Libras, Pós-Graduada em Libras e educação de surdos.

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

O que me mobilizou foi a “necessidade” por ter uma filha surda e por ter encontrado tanto obstáculos na educação dos mesmos.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Sim, tenho. Tenho uma ONG que trabalha com educação de surdos com encontros semanais.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o intérprete de libras?

Alguns sim. Se ele partilhar posso me preparar com antecedência o conteúdo a ser ministrado. Sendo “aula planejada” faz toda a diferença.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Por quê? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

Não. Depende do conteúdo. Com o surdo que trabalho tenho que resumir se for teoria, resumo bem infantilizado para ele entender. Se a aula é prática, vai bem porque ele tem uma habilidade para

desenho. A professora explica com clareza e é fácil para interpretar. A didática dela é boa. Ela percebe o nível que estão e passa do jeito que eles aprendem.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

Não. Ele desenvolve muito bem.

7. Você atua apenas como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Totalmente, quase todos os dias as situações ultrapassam as minhas atribuições. Não é o certo, mas a situação que o intérprete vive hoje, no Estado, não sabe o que faz com o intérprete de Libras, o sistema está confuso, nem prova específica para atribuição de aulas tem.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor?

Quando foi trabalhado música em sala de aula. Fiz a interpretação da música, a professora queria fazer coral, não deu certo. Depois teve atividades com sons de chuva, relâmpagos, sons da natureza, pássaros e era para os alunos descreverem o que sentiam: alegria, medo. Infelizmente não foi possível desenvolver essa atividade com o aluno.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

Precisávamos ter reuniões com os professores de Artes. Era preciso que o intérprete participasse do planejamento das aulas. As atividades deveriam ser discutidas sobre como adaptá-las. Dessa forma a aula seria boa, para os surdos e para todos. Aqui temos o Conservatório de Tatuí. Tive uma experiência com minha filha numa visita a um amigo regente da área de percussão. A forma como ele lidou com minha filha foi de muita sensibilidade. Ele a levou até os instrumentos e fez com que ela colocasse as mãozinhas. Depois ele tocava o instrumento, e podia ver nas expressões dela cada sentimento de acordo com cada instrumento: alegria, medo, susto. Algumas vibrações eram agradáveis, outras incomodavam. Foi uma experiência incrível que eu gostaria que outros surdos, alunos surdos, pudessem passar. O surdo nunca vai ouvir, mas porque não proporcionar a ele a sensação?

Seu nome: **S.F.**

Nível de ensino no qual atua: Fundamental I () Fundamental II()

Nome da Escola: **Colegio Luiza de Marillac**

Particular () Municipal () Estadual() outro ()

1. Qual a sua formação em Libras?

Minha formação em libras se deu através de participação ativa em cursos como FENEIS, ASSP, e posteriormente no curso de Pedagogia, atuo como tradutor interprete a 20 anos e possui 18 certificações como TIL e como Palestrante a nível Brasil.

2. O que o mobilizou a trabalhar na área?

Tenho um irmão mais velho (52 anos) que é surdo, e procurei aprender libras para poder ensinar para meu irmão, que nunca se interessou em aprender, hj ele é um surdo lobo, ou seja, não possui a libras, nem português escrito ou falado.

3. Tem contato com comunidades surdas fora da sala de aula?

Constantemente, além de ser casado com uma pessoa surda a 5 anos, possui muito contato com esta comunidade.

4. O professor regente costuma compartilhar o Plano de Aula com antecedência? Quais são as diferenças no processo de ensino aprendizagem quando o trabalho em sala de aula é exercido com diálogo em relação ao plano de ensino com o intérprete de libras?

Sim a professora sempre me apresenta seu plano de aula e buscamos uma estratégia para poder ensinar aos alunos surdos, que tem demonstrado muito interesse e habilidades nata para artes.

5. Nas aulas de Artes, é necessário que se repita as instruções mais de uma vez? Por quê? O que poderia ser modificado para que as instruções das atividades em sala de aula fossem melhor explicitadas?

Para os alunos surdos, as instruções são passadas naturalmente em libras e mostrada na prática pela questão do visual, por que naturalmente o aluno surdo mostra um interesse enorme nas aulas de Educação Artística e procuramos sim, demonstrar e explicar de maneira bem clara.

6. É necessário interferência do intérprete de alguma maneira para que o aluno consiga realizar a atividade?

Sim, a professora não domina a Língua de Sinais e a presença do intérprete é fundamental para o entendimento e aprendizado dos mesmos.

7. Você atua apenas como intérprete ou acha que certas situações ultrapassam suas atribuições? Explique.

Bem, minha função principal é a tradução e interpretação das aulas, mas o que ocorre é que os alunos surdos te vêem como professor também, então acabamos passando as informações necessárias que seriam atribuições do professor, porém, com total autorização, respeitando sempre nossos limites e nossas responsabilidades.

8. Você já teve a experiência em sala de aula na qual os estudantes surdos ou com deficiência auditiva não puderam completar a atividade proposta pelo professor? O que poderia ter sido modificado ou adaptado para que o estudante surdo ou com deficiência auditiva pudesse contemplar a atividade proposta pelo professor.

Sim já aconteceu, uma ocasião a professora pediu um trabalho com onomatopeias, e isso é desconhecido dos surdos, então não surgiu nenhuma idéia por parte deles, e o trabalho não foi concluído porém, compreendido pelo professor.

9. Tem alguma sugestão ou gostaria de expressar algum sentimento sobre o desenvolvimento das aulas de artes?

Sim, minha sugestão é que o professor ao elaborar seu plano de aula, suas atividades sejam pensadas para ambos alunos, ouvinte e surdos, pois esta situação citada acima causou um enorme desconforto para os alunos surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *Surdos e inclusão educacional*, Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010

BARBOSA, Ana Mae . *Os PCN's de Arte e a Educação Especial – Arte na Educação Para Todos*. ANAIS do V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos – MEC, V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos. Brasília, 2000

(_____.) *A Imagem no Ensino da Arte – Anos Oitenta e Novos Tempos*. São Paulo, Perspectiva, 2007

BRASIL, www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

(_____.) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997: Arte

(_____.) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica*. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Brasília, 2001. Acessado em setembro de 2012.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. *O Filosofar da Arte na Criança Surda: Construções e Saberes*. Tese de Mestrado. Porto Alegre, 2006

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. *O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*(online). Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf> Acessado em novembro de 2012, sem data de publicação.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*, (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>; Outubro, 2012

FERRAZ, Heloisa Corrêa de Toledo. *Refletindo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte*. ANAIS do V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos – MEC, V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos. Brasília, 2000

GAMA, Maria Clara S. Salgado, *A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação* (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>; 2012

GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, Surdez e Educação*, 3ª edição revista, Campinas, SP: Autores Associados, 2002

LACERDA, Cristina Broglia. *A Inclusão escolar de alunos surdos no Ensino Infantil e Fundamental: Buscando respeitar sua condição lingüística e suas necessidades educacionais*. Pesquisa. 2007

LACERDA, C.B. & LODI, A.C.B. *A difícil tarefa de promover uma inclusão escolar bilíngue para alunos surdos*. (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt15-2962--int.pdf>, sem data de publicação

LEITE, Emely Marques Costa. *Os papéis do Intérprete na Sala de Aula Inclusiva*. (online) Disponível na internet via HTTP. URL <http://editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Arara Azul. Rio de Janeiro 2005

LIMA, Sonia Albano. *A perspectiva de ensino artístico projetada por H.Gardner e os parâmetros curriculares nacionais – PCNs(ARTE)do ensino fundamental*. 2008. Endereço eletrônico: www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/6030 acessado em setembro de 2012

LORANDI, Aline; CRUZ, Carina Rebello; SCHERER, Ana Paula Lorandi. *Aquisição da Linguagem*. VERBA VOLANT, Volume 2, Número 1, janeiro 2011 (online) Disponível na internet via HTTP. URL: <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/segundo/lorandi.pdf> acessado em novembro de 2012

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Todas as crianças são bem-vindas a escola*. 2004. Disponível na internet via HTTP. URL: <http://www.pro-inclusao.org.br/textos.html> acessado em setembro de 2012

PERLIN,G.& STROBEL, K. *Fundamentos da Educação dos Surdos*, artigo, Florianópolis, 2006

PILLAR, Analice Dutra (org). *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. 7ª edição. Mediação, Porto Alegre, 2011

QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Artmed, Porto Alegre: 2004

REILY, Lúcia. *Escola Inclusiva: linguagem e mediação*. Papyrus, São Paulo 2006

(_____.) *Atividades de Artes Plásticas na Escola*, Pioneira, São Paulo,1993

VILHALVA, Shirley. *Pedagogia Surda*. Ainda não apresentado na forma impressa, disponibilizado a partir de Outubro/2004 em www.editora-arara-azul.com.br, acessado em setembro de 2012